

1. Primeira viagem da minha vida: Inter-rail pela Europa.

Eram 17 h quando comprei o bilhete de inter-rail. O coração pulsava de excitação e de medo.

Tinha 16 anos, o 9º ano, e não falava quase nada de inglês. Mas a tristeza de uma relação acabada, e a vontade de querer uma vida melhor, fez com que eu quisesse partir. Não tinha mapa ou planos, apenas o sonho de ser feliz.

Poucos acreditaram no meu sonho ou na minha coragem de partir de Portugal, com os poucos recursos económicos que tinha.

Eram 17.55 h quando entrei naquele comboio em Santa Apolónia, agora estava apavorado, o suor encharcava as minhas roupas, a incerteza do meu acto era óbvia, tinha tanto medo. O meu olhar deambulava por entre as caras desconhecidas, à procura de algum tipo de conforto. Às 18 h ouvi os primeiros ruídos das rodas das carruagens, lancei um último olhar pela janela do comboio, em género de despedida. Logo nos primeiros minutos de viagem, conheci outros que tinham partido também à procura do sonho. Aquelas caras desconhecidas depressa se tornaram em companheiros de viagem, as conversas eram abertas e despidas de preconceitos, os sorrisos eram soltos a todo o momento, deixando o ar cheio de energia positiva. Aquele medo que enchia o meu coração foi desaparecendo, sendo trocado por confiança. Mesmo conhecendo aquelas pessoas apenas a alguns minutos atrás, eu sentia uma enorme confiança neles. Agora ninguém me olhava de lado, todos me tratavam com respeito, ouviam as minhas palavras e talvez não tivessem as mesmas opiniões, mas isso não significava que não aceitassem as minhas idéias.

Quando estamos no meio de desconhecidos, as palavras são mais soltas, o nosso coração desprende-se dos medos criados pela sociedade. Penso que é como estar no confessionário, dizemos tudo o que vai dentro de nós com a certeza que nenhuma das palavras que dissermos sairá daquele local. Quando conhecemos alguém em viagem é o mesmo, podemos dizer tudo o que vai na nossa alma, porque sabemos que, provavelmente nunca iremos ver essa pessoa de novo. Assim, fui deixando o meu coração desfazer-se dos meus medos, loucuras, amores e sonhos. Algumas horas depois conheci uma rapariga brasileira, que vivia na Holanda, tinha uns olhos cor de mel, a sua pele era cor de café e a sua voz era doce e meiga.

Quando chegámos a Paris decidimos conhecer a cidade juntos. Por dois dias e duas noites corremos as ruas desconhecidas, com a magia de não saber o que nos esperar na próxima esquina. Um espantoso monumento! Ou, uma pequena praça com uma atmosfera romântica.

Amámo-nos perdidamente, beijos foram dados no fervor da paixão, vivendo no nosso reino de fantasia. Por um instante o nosso corpo foi talhado numa só peça, eternizando aquele momento para sempre no nosso pensamento. Parti para a Holanda com um sorriso nos lábios, tinha conhecido Paris, a cidade do amor, com o meu "amor" ao lado. Não tinha sido um mau começo. Que mais poderia eu pedir?

Tudo o que sabia da Holanda era aquilo que tinha ouvido pela boca de outros, rua vermelha com as suas montras com mulheres expostas nelas e está claro os coffe shop. No momento que saímos da estação de comboios em Central station, uma rapariga veio ao nosso encontro.

- Olá, estão à procura de sítio para ficar?

Apesar de a minha amiga viver na Holanda, a sua casa era longe de Amesterdão, e como queríamos passar mais algum tempo juntos, decidimos aproveitar a ocasião.

- Sim, por favor.

Depois de meter as malas num pequeno quarto, que não ficava muito longe da estação, saímos pela cidade. Logo de princípio fiquei fascinado pela quantidade de bicicletas que estavam por todo o lado, pessoas de todas as idades percorriam a cidade nelas. Alguns de fato e gravata, para mim tudo aquilo era fantástico, e como se isso não bastasse, ainda havia os canais e neles barcos, não só barcos para transportar pessoas, também havia quem vivesse neles. As casas tinham janelas enormes, com as cortinas abertas deixando uma visão ampla de tudo o que se passava fora delas. Os meus olhos não podiam acreditar no que viam, era tudo tão diferente daquilo que eu tinha visto até aquele dia. Fomos a museus, tais como Madame kossou, Anne Frank, entre outros, está claro que não podia deixar passar a oportunidade de ir à rua vermelha. Era verdade, havia mulheres com roupa interior dentro de montras, convidavam quem passava para terem sexo com elas. Havia uma diversidade enorme de raças e formatos e com um olhar mais atento, podia-se ver que, algumas, eram afinal alguns.

À noite desfrutámos da vida nocturna, de bar em bar, está claro que nenhuma visita a Amesterdão acaba sem ir a um coffe shop, mais uma vez fiquei abismado. Havia menus de diferentes tipos de marijuana e haxixe de toda a parte, Marrocos, Paquistão, Afeganistão, Índia, México... . E ainda havia os cogumelos mágicos, ácidos, ,bolos, chás, bolachas e outro número sem fim de drogas. Tudo era vendido atrás do balcão, com a maior das naturalidades. Para aqueles que eram novos nesse tipo de andanças, as pessoas atrás do balcão enrolavam os charros para eles. Quando saí do coffè shop, estava um pouco perdido, vendo o mundo de maneira diferente. Felizmente a minha amiga levou-me até a cama.

Apesar da companhia ser fabulosa, eu estava ansioso por partir, queria ver coisas novas. Assim despedi-me da minha amiga e uma vez mais parti naquela serpente de ferro, desta vez em direcção a Inglaterra.

Até aquele momento a língua não tinha sido um problema, isso porque tinha tido a ajuda de outros, agora tudo era diferente.

Tinha deixado Portugal com um velho dicionário e com um papel com algumas frases escritas por um amigo meu.

As frases eram: " onde posso encontrar um hotel barato?"

" quanto é ?"

" Sabe me dizer onde fica....."

Depois de ter passado o canal inglês de ferry e de mais algumas horas de comboio, tinha chegado ao coração de Londres.

Todo eu tremia, não de frio mas de medo, era quase de noite e eu não sabia como iria encontrar um quarto. Ali estava eu com o dicionário numa mão e o papel na outra, enchendo o peito de ar, dirigi-me à primeira pessoa, à segunda,

à terceira, e, ou porque não me entendiam, ou porque não sabiam onde encontrar quartos baratos, fui ficando ali, com o dicionário numa mão e o papel na outra. Até que uma senhora disse-me o que fazer, em que sitio devia apanhar o autocarro e em que sitio devia sair. Entrei no autocarro com um sorriso, não por me sentir confiante, mas porque estava a entrar num desses autocarros vermelhos de dois andares que tinha visto tantas vezes na televisão, tinha desejado andar num deles desde criança, e ali estava eu.

Era uma rua comprida, com muitos hotéis baratos ou pelo menos os mais baratos de Londres, de certeza os piores frequentados, com putas, chulos e agarrados. O quarto era tão pequeno que não tinha espaço para esticar os braços ao comprido, para entrar nele tive de tirar a mochila das costas e literalmente encolher a barriga para passar entre a pequena abertura que havia entre a porta e a cama. Os lençóis estavam negros da sujidade acumulada, na casa de banho comum, podia-se ver as marcas dos pés, cravados na camada de surro que cobria o chão e paredes.

Deixei as coisas no quarto e saí pela noite, andava sem rumo admirando todas as coisas novas que saltavam aos meus olhos, quando por sorte encontrei um conhecido de Portugal. Com ele a guiar o caminho, fomos para as discotecas londrinas, dançamos pela noite dentro até que o cansaço me levou de volta ao quarto.

No dia seguinte, com um pequeno mapa turístico que tinha encontrado, fui à descoberta de Londres, sempre a pé está claro, porque a pé era a única maneira de não gastar dinheiro, vi a ponte de Londres, o Big Ben, o Parlamento, entre muitos outros monumentos. Quando as minhas pernas já não aguentavam mais o cansaço e o estômago rosnava de fome, parava num parque, tirava o pão e o queijo e devorava a minha refeição. A dieta de pão e queijo era derivada ao pouco dinheiro que tinha, como também por ser a única coisa que sabia dizer correctamente em inglês. Na segunda noite decidi não ir para um quarto, por muito barato que fosse era sempre demasiado. Essa noite passei-a nas casas de banho das mulheres numa estação de metro. Escolhi as casas de banho das mulheres, porque era menos provável que a polícia entrasse, tentei meter-me na posição mais confortável sobre a sanita, se me deitasse no chão alguém me podia ver, e tentei dormir. Acordei muitas vezes com barulhos e com dores de corpo, devido à posição em que estava. No outro dia, estava dorido e cansado, mas pelo menos não tinha gasto dinheiro.

O placard da estação dizia Edimburgo, era um nome que tinha ouvido antes. Sentado à frente da televisão, vi vezes sem conta o filme Brave Heart, o sonho de ser livre, de lutar pela liberdade.

A viagem foi linda, tudo era verde, com pequenas colinas cobertas de flores, com casas perdidas nas pradarias. Como não tinha mapas ou planos, a rota que seguia era apenas uma questão de sorte ou talvez fosse essa voz interior que me dizia para seguir o meu coração. A senhora que estava sentada ao meu lado, meteu conversa comigo.

- Para onde vais?

- Edimburgo – respondi.

- E depois?

- Não sei, sabe dizer-me algum sítio bonito para visitar?

Esse pequeno diálogo, demorou algum tempo, devido ao meu fraco inglês. Contudo ela foi paciente, esperava cada vez que eu procurava a próxima palavra, que queria dizer, no grande dicionário que me acompanhava a todos

os momentos. Escreveu num papel nomes de lugares que eu devia visitar na Escócia e com o mesmo sorriso que nos acompanhou ao longo da viagem, desejou-me boa sorte e partiu.

Tinha dois casacos vestidos, mesmo assim sentia o frio da noite que chegava, procurei abrigo num dos muitos bares que revestiam as velhas ruas de Edimburgo. Os bares eram feitos de madeira dando-lhes um ar velho e acolhedor. Mesmo sendo apenas 18 h já havia muita gente dentro deles. Pedi a coisa mais barata e a única que tinha a certeza como dizer correctamente

- Beer, please.

Aquele meu ar perdido, fez com que um grupo de raparigas tomasse interesse em mim. O problema estava em entendê-las, se o meu inglês era mau o sotaque escocês não ajudava nada. Mas há certas linguagens que são internacionais. Depois de algumas, muitas cervejas acabei por dormir num jardim, encostado a um muro, por debaixo de umas plantas. Acordei com a máquina de cortar a relva a bater-me nas pernas e com o olhar abismado do seu condutor. As cervejas do dia anterior tinham feito com que não sentisse o frio que estava.

As raparigas tinham recomendado lugares de interesse que eu não devia perder enquanto estava ali. O castelo onde ouvi a história do meu herói na sua luta pela liberdade, as ruínas, as ruas, os homens que andavam nelas com saias (Kilt) a tocar gaita de foles. No final apenas vivi o meu sonho de ver, sentir, ouvir, tudo aquilo que eu um dia tinha sonhado. A noite veio, mais uma vez passei-a no bar, com as raparigas. Quando saí chovia, por isso fui para a estação, o frio foi esquecido pela companhia de uma rapariga. O saco cama era de uma só pessoa, mas há sempre espaço para mais uma nessas noites frias da Escócia. De manhã parti para um dos locais que a senhora do comboio me tinha dito - Oban. Ficava a algumas horas de comboio, mas a beleza do interior escocês fez com que parecesse apenas minutos. A linha do comboio serpenteava ao longo da costa, passando por ruínas de casas e castelos medievais, o nevoeiro cortava as colinas ao meio enchendo o ar de magia. Oban era uma pequena aldeia do norte, ficava numa colina a olhar o mar. De onde um dia viera a maior parte do sustento da gente que lá vivia, agora eram menos aqueles que iam para o mar. O turismo dava mais dinheiro, com menos riscos.

Não havia quartos baratos em Oban e dormir na rua estava fora de questão com o frio que fazia. Mais uma vez o meu ar de perdido trouxe a sorte até mim.

-Estás à procura de sitio para dormir?

-Estou, mas não tenho muito dinheiro, e é tudo muito caro.

-Vem, vamos ver se consigo arranjar algo para ti.

Era um homem alto, de cabelos brancos, já com uma certa idade, que se tinha oferecido para me ajudar. Fomos a muitos sítios, ou estavam cheios ou eram demasiado caros, contudo aquele homem não desistiu de me ajudar. Acabámos dentro de um bar, onde havia uma festa, todos que estavam lá dentro conheciam aquele homem, inclusive a dona do bar. Ela, a pedido desse homem ofereceu-me um sitio para dormir, mas tinha de o partilhar com o seu irmão, já que esse era o seu quarto. Eu estava mais que feliz com isso. Sem saber como, tinha uma cerveja numa mão e pessoas a apertarem-me a outra. Tinha sido convidado para a festa.

Oban era uma vila pequena, com casas típicas do norte escocês, as pessoas eram simpáticas e acolhedoras vivendo devagar, apreciando o melhor da vida.

Apesar de eu não os entender muito bem, o seu olhar era meigo, essas pessoas ensinaram-me a ver valores aos quais eu nunca antes tinha dado importância, foi com um aperto no coração que parti desse local.

No papel estava o nome de Sky, apesar de não ter a mínima idéia de onde ficava este local, estava ansioso por ir até lá. Oban tinha-me deixado cheio de energia positiva.

O comboio parou, pensei que seria ali aquele local chamado Sky, mas não havia nada naquele local, sem ser um velho cais.

Perguntei à primeira pessoa que passou -Sky?- apontando com o dedo para o chão.

Não entendi uma única palavra que saiu da sua boca, no entanto ela apontou para o cais, quando vi um ferry a aproximar-se conclui que teria de o apanhar apesar de estar completamente perdido, estava a adorar tudo aquilo. O mistério de não saber para onde ir, a curiosidade de ver onde o meu coração me iria levar.

A viagem de ferry não foi longa, no entanto encontrei o mesmo problema que antes, onde o ferry atracava não havia nada mais que uma velha estrada de terra batida. Não havia casas, ou estação de comboio, ou camionetas, nada, somente mato. Perguntei a rapariga que se encontrava ao meu lado

-Sabe me dizer se há comboios ou camionetas que partam daqui?

-Não, eu nunca estive aqui, mas penso que não.

Eu olhei novamente para a margem, com um olhar de desilusão cravado no meu rosto. Estava frio, a chuva ameaçava em começar em cair, com sorte tinha duas horas de luz até que a escuridão tomasse posse. A rapariga continuava ao meu lado, com um bebé nos seus braços, como que se sentisse o meu desespero, perguntou.

- Não sabias para onde vinhas?

- Não, aliás eu nem sei localizar este local no mapa.

Ela riu-se e disse - bem o meu marido esta lá fora, se quiseres podes vir connosco, levamos-te até a uma estação, se houver alguma.

-Sim por favor.

Este casal era do norte de Inglaterra, York, tinham uma velha carrinha volkswagen amarela que era a sua casa de férias.

Quando nos estávamos a aproximar da carrinha vi o olhar espantado do seu marido quando me viu, ela explicou o que se passava e com um aperto de mão deu-me as boas vindas.

-São todos os portugueses loucos como tu, que andam sem destino?

- Eu não sabia o que dizer, mas mais uma vez a sua mulher sentindo a minha incerteza, veio em minha ajuda.

-Deixa-o falar, ele talvez se tenha esquecido que já fez o mesmo. Quando tinha 17 anos foi para França quase sem dinheiro, andando a vaguear pelas ruas por dois meses.

Ele riu-se, lançando-me um olhar maldoso, disse.

-Os melhores dois meses da minha vida.

Não havia estação de comboios, em Sky, que vim a saber que era uma ilha. Convidaram-me a passar a noite com eles, deram-me comida, abrigo e no outro dia visitámos a ilha juntos. No final desse segundo dia, levaram-me até uma paragem de autocarros para que eu pudesse seguir viagem. Foi com as lágrimas nos olhos que lhes disse adeus, até aquele ponto da minha vida, não sabia o que era dar sem receber, tinham me ensinado a não confiar em

desconhecidos. Até à poucas semanas atrás o meu mundo era feito de violência, dor, ódio e tristeza. Mas desde que tinha deixado aquela estação de Santa Apolónia, tudo o que me tinha acontecido mostrava o contrário. O mundo era cheio de beleza e de alegria. Se não tivesse confiado em desconhecidos, não teria chegado até ali. Sempre que necessitei de ajuda, houve alguém que estava lá para me dar a mão, pessoas que deram sem eu pedir. Era como se o mundo se conjugasse para que o meu sonho sobrevivesse às intempéries da vida. Não sabia a razão exacta pela qual chorava, estava a sentir algo inexplicável dentro de mim, como se o meu coração se tivesse aberto, deixando que um sentimento de pura beleza o invadisse. Esse casal talvez não soubesse, mas tinham-me dado o maior tesouro de toda a minha vida.

Foi com esse novo sentimento que parti para a Irlanda.

Era já noite quando o ferry deixou a costa inglesa, mesmo antes de embarcar, tinha conhecido um rapaz escocês, o seu sotaque era tão forte que eu apenas entendia uns 5% do que dizia. Desses 5% entendi que gostava de beber, fomos ao duty free e comprámos uma caixa de cerveja. Quanto mais cerveja bebia, mais o entendia. Quando cheguei à Irlanda estava perdido de bêbado, no entanto ele estava morto. Literalmente tive de o carregar às costas para a sala de desembarque, onde vim a conhecer quatro raparigas da Suíça.

Foi na companhia das raparigas, que vim a descobrir a existência de hotéis para jovens que viajam pela Europa. Os preços não eram muito elevados, e eu bem precisava de um banho. Havia cozinha, o que era muito bom, estava farto de comer pão com queijo. Dormíamos em dormitórios com cerca de 20 camas, para mim era como estar num palacete, depois das últimas semanas.

Sáímos pelas ruas de Belfast, corremos os mercados, feiras, monumentos e outros sítios de interesse. Quando a noite caía, íamos para os bares que eram às dezenas, num sítio chamado Templar. Adorava aquele ambiente dos bares Irlandeses, todos feitos de madeira com a música ao vivo a dar um clima de alegria. Verdade seja dita, que a cerveja ajudava a manter essa alegria.

Decidi ficar três dias em Belfast, mas só tinha pago dois dias no hotel. Os quartos tinham um código de entrada que eu já sabia qual era, e havia sempre camas vazias. Pensei, se viesse tarde, apenas tinha de escolher uma cama vaga.

Nessa noite num bar conheci uma rapariga brasileira, também ela tinha pouco dinheiro e não tinha sítio para dormir nessa noite.

Disse-lhe acerca do meu plano e que talvez ela pudesse fazer o mesmo. Mais tarde nessa noite fomos para o hotel, tudo correu como eu tinha planeado sem nenhum problema para entrar no quarto. Havia quatro camas vagas, saltamos nelas confiando que teríamos uma noite grátis. Infelizmente algumas horas depois, fomos acordados por quatro rapazes, que reclamavam que essas eram as suas camas. Felizmente estavam tão bêbados, que não entenderam o que se passava. Vendo o seu estado, saltei para a cama da brasileira e dois dos rapazes dormiram na mesma cama.

No outro dia sai bem cedo, não só porque tinha de apanhar o comboio mas também, não queria ter de explicar-lhes a razão pela qual estava na sua cama. Seguiram-se dois dias de viagem, que me levaram a Paris. No tempo que passei em comboios e barcos pensei no que era a minha vida, violência, medo, raiva, dor e solidão era o meu mundo antes de ter embarcado nesta viagem. E agora, novos sentimentos tinham nascido em mim, e levavam-me para um

oposto tão grande. Eu agora sentia-me mais forte, não fisicamente mas mentalmente, agora não tinha de usar os punhos para sobreviver no meu pequeno mundo. No entanto, nesse grande mundo que descobria a cada dia, eu só tinha de usar a minha mente, e mais importante, o meu coração. Agora eu vivia num grande mundo, que muitos tremiam apenas de pensar em aventurar-se nele. Agora eu sentia alegria, agora eu sentia liberdade, agora eu sabia o que era a felicidade.

Olhei à minha volta, apreciando a estação de Paris. Tudo estava na mesma desde a última vez que tinha ali estado. No entanto tudo tinha mudado. Aproximei-me das informações perguntando qual era o primeiro comboio a partir em direcção ao leste - Praga era o destino.

Ficava na República Checa. Nunca tinha ouvido esse nome, por isso nesse mesmo segundo decidi que iria para lá. Ao passar a fronteira da Alemanha com a República Checa, a polícia entrou a bordo, pedindo os passaportes. Isso era uma novidade, não das boas, eu apenas tinha o bilhete de identidade, até aí eu não tinha necessitado mais que isso. Os polícias que me abordaram disseram que teria de sair na próxima paragem, o bilhete de identidade não era suficiente. Teria de apanhar o primeiro comboio de volta para a Alemanha. Eles fizeram questão de sair comigo, por várias vezes disseram que tinha de apanhar o primeiro comboio que passasse em direcção à Alemanha. Eu dava o sinal afirmativo, que fazia o que eles ordenavam. Assim eles meteram-se noutra comboio e desapareceram.

Depois de muitas horas de viagem, de 5 países, de muitas aventuras, a sorte não estava do meu lado. Olhei para a placa que estava na estação, tinha 13 letras, eu nem sequer conseguia começar a ler o nome daquele local. A única coisa que sabia era que estava no lado checo da fronteira, pensei no que iria fazer. Entrar num país sem passaporte podia-me arranjar grandes problemas, e no final eu nem sabia para onde ia. Seria igual ir para a Alemanha. O comboio não vinha, e as dúvidas cresciam. Não havia problema em ir para outro país, mas o facto de alguém me ter dito, que não podia ir a algum lado, fazia com que eu quisesse ir. Disse para mim mesmo - se não apanhar este comboio posso apanhar outro mais tarde.

- A polícia fiscaliza os comboios, talvez possa apanhar uma camioneta. Andei até a vila para ver se conseguia alguma informação. Quando me aproximei de um grupo de três homens para perguntar se havia camionetas para Praga, uma pequena multidão cercou-me.

-Falam inglês?

Um homem já de alguma idade disse:

-Sim.

Falou cerca de 10 minutos, sempre com um sorriso nos lábios, no entanto a única palavra que disse em inglês foi hotel.

Dei-lhe um enorme sorriso, agradecendo a sua ajuda, como de todos aqueles que estavam ao seu redor, e fui na direcção do sitio que ele tinha apontado quando disse a palavra hotel. Tinha aprendido a ouvir o meu coração, e por algum motivo ele disse que eu devia ficar. Na recepção do hotel foi por mímica que acordámos o preço do quarto, aquele sitio era tão barato que me dei ao luxo de ir ao único restaurante da vila.

Como eu não os entendia e tão pouco eles a mim, tudo era dito por mímica e por uma linguagem de olhares.

Depois de 3 dias a vaguear pela vila, travando conversas mudas com os locais, entendi o que eles me estavam a dizer.

Se eu apanhasse um comboio, que não fosse internacional, não haveria policia a bordo, assim podia ir até Praga.

Com a ajuda do homem com quem tinha falado no primeiro dia, apanhei um comboio, sem ter a mínima ideia para onde ia.

Suspeitava que ia em direcção a Praga, mas era apenas isso, uma suspeita. Na verdade eu não me importava para onde ia, eu adorava aquela sensação de não saber onde era a chegada.

O comboio estava quase vazio quando entrei e assim continuou por toda a viagem, quando cheguei à última paragem vim a descobrir que ainda não era ali o meu destino final. Havia mais um comboio para apanhar. Nesse último comboio havia muito mais gente, infelizmente também a policia estava a bordo, desta vez apenas pedindo o passaporte a algumas pessoas.

Felizmente eu não fui uma delas.

Assim cheguei a Praga, para muitos considerada a Veneza do leste, e sem dúvida que a sua beleza deixou-me de boca aberta. Passei dois dias na descoberta de Praga, com dois outros rapazes alemães.

Os seus monumentos são fenomenais, como também as suas mulheres.

Em Praga dormi numa escola primária, que tinha sido adaptada para acolher viajantes pobres como eu.

Havia umas camas espalhadas pelo o que deveria ser o ginásio e o pequeno-almoço estava incluído na estadia.

Para além de ser muito barato, era um bom sitio para conhecer outros viajantes, ouvir histórias, e ter uma ideia de que destino seguir.

Eu tentava viajar de noite sempre que podia, era uma maneira de não gastar dinheiro em dormidas. Não posso dizer que era confortável dormir no comboio, já que quase todos eles estavam cheios, assim muitas vezes os únicos sitios para esticar o corpo era no corredor onde pessoas passavam por cima de nós pela noite fora e pisadelas eram frequentes. Fui para a Áustria pela mesma razão, que tinha ido para a Republica Checa, nenhuma. Mas senti uma grande diferença em relação aos preços, tudo era muito caro. Arranjei um desses mapas turísticos e tentei ver tudo o que podia no menor tempo possível. Utilizei o metro para me mover na grande cidade de Viena, como nunca tinha pago o metro em Portugal, não estava a pensar em pagar na Áustria.

Tudo estava a correr às mil maravilhas, até que dois pica bilhetes entraram no metro, com pouco tempo para pensar, decidi utilizar a minha técnica do não entendo.

- O seu bilhete - pediram eles.

- Bilhete - disse eu esticando a mão, dando a entender que queria comprar um bilhete.

-O seu bilhete - repetiram eles, agora com um ar mais sério.

-Bilhete - disse eu com um sorriso nos lábios.

Esta conversaçao manteve-se por uma hora ou mais, fora do metro, mas dentro da estaçao. Depois de todo esse tempo a fazerem as mesmas perguntas, em diversas línguas eles cansaram-se, e mandaram-me embora.

Nessa noite fui de bar em bar, com uns rapazes que tinha conhecido, as horas passaram e a cerveja escorregava cada vez melhor.

O caminho para o hotel onde ia passar a noite foi difícil e quando encontrei o sitio foi só para descobrir que estava fechado.

Assim, fui até ao parque mais próximo e deitei-me num banco para dormir.

Sempre que eu dormia na rua tinha o hábito de dormir com duas facas, uma em cada mão, com as mãos debaixo dos sovacos. Nessa noite acordei com um barulho de duas pessoas a aproximarem-se, mantive os olhos fechados até ao exacto momento que eles estavam à minha frente. Com um movimento rápido levantei-me empunhando as facas ao pescoço de..... dois policíias. Com um sorriso amarelo, voltei a meter as facas debaixo dos braços, os policíias olharam-me e disseram.

-Nós viemos para avisar-te que este local é perigoso, mas vemos que tu já sabes isso.

Com a sorte em baixo de forma, decidi deixar a Áustria, não tanto pela sorte mas mais pelo custo de vida.

A este ponto da viagem eu estava um pouco farto de ver monumentos, igrejas, palácios, castelos, pontes e outros "montes de pedras". Não que eu não gostasse, mas estava muito mais interessado nas pessoas, em sentimentos, no verdadeiro povo. Além de que, depois de ver uns 40 castelos, 50 igrejas e não sei mais quantos sítios históricos, começava a ser difícil ganhar interesse para ver fosse o que fosse.

O que eu gostava em viajar, era a incerteza, onde dormir, que rota tomar, que pessoas iria conhecer e que outros sentimentos iriam despertar em mim.

Foi uma viagem curta da Áustria até à Suíça. As raparigas Suíças que tinha conhecido na Irlanda falaram-me num sitio que não devia perder - Interlaken. É uma pequena vila encravada nos alpes Suíços rodeada por montanhas e lagos, pelo menos era o que elas tinham dito. Mal cheguei a Zurique apanhei o primeiro comboio para lá, não tinha interesse em ficar na cidade. No caminho para lá o comboio parou, muita gente que estava no comboio em que seguia passava para um outro comboio numa outra linha. Sem saber porquê peguei na mochila e corri para o outro comboio, era verdade eu queria ir para Interlaken, mas naquele momento o meu coração falou mais alto. Não havia nenhuma lógica no meu acto, mas isso não interessava.

Quando o pica bilhetes me perguntou qual era o meu destino, olhei-lhe nos olhos e perguntei,

- Para onde vai esse comboio?

Com um sorriso ele disse -Zurique.

- Então é para onde eu vou.

Na verdade eu não queria voltar a Zurique, mas queria saber qual era a razão pela qual o meu coração tinha-me levado até ali.

Não demorou muito para descobrir. Das poucas coisas que sabia da Suíça, era os seus famosos chocolates, tinha visto muitas vezes os reclames de chocolates, em especial no natal, onde um comboio atravessava uma montanha cheia de neve.

Na minha visão de criança isso era como um truque de magia, algo fenomenal.

Pois esse mesmo comboio que tinha apanhado sem aparente razão, tinha-me levado até aos meus sonhos de criança.

Escalando as montanhas, viajando à beira de precipícios, entranhando-se num túnel que perfurava a montanha coberta de neve.

Dormi na estação de comboios em Zurique, e parti novamente em direcção a Interlaken no dia seguinte.

Interlaken era tal como me tinham dito, lagos e montanhas, o sol brilhava, a beleza do local espalhava alegria.

Quis ir até ao topo da montanha onde vi dezenas de pessoas a irem e virem, havia um teleférico, contudo, a solução mais barata era andar.

Além disso como poderia sentir a montanha sem andar nela, sem cheirar as flores em que nela nasciam, sem ouvir a água que corria nas suas ribeiras.

Quando cheguei ao topo, vi uma cascata gelada ao fundo e apaixonei-me por essa visão, vi a distância que tinha que percorrer e pensei que ir e vir iria demorar duas, três horas no máximo. Comecei por descer uma colina de uns 150 metros e quando cheguei ao fundo descobri que não era terra que picava mas sim gelo. Ao princípio pensei que fosse um vale, mas era um glaciar, tinha de caminhar sobre gelo.

Depois de duas horas tentando não cair nos buracos que se tinham aberto no gelo devido à temperatura do sol, ainda não tinha chegado à cascata.

Começava a entender porque é que era a única pessoa a ir àquele local tão bonito. Os últimos 500 m eram feitos de gelo muito fino, pensei, para viver o sonho há que estar vivo. Além disso, tinha atravessado um glaciar com o gelo a derreter-se debaixo dos meus pés, tendo por panorama as montanhas cheias de neve a rodearem-me. Tinha visto a cascata de perto e ainda não tinha partido nenhum osso do meu corpo, não podia pedir mais nada.

Voltei para a vila, chegando quase de noite, nesse dia tinha caminhado durante 13 horas, o cansaço e o frio fez com que procurasse rapidamente um sítio para dormir. Encontrei abrigo na parte detrás de uns restaurantes, sendo apenas incomodado pelos homens do lixo, que muito amigavelmente me pediram que me levantasse para que pudessem tirar os contentores.

Por muito que eu gostasse da Suíça o custo de vida era muito elevado, as noites eram muito frias, fazendo com que eu acordasse gelado a meio das noites e não pudesse dormir mais.

Decidi partir para onde o sol brilhasse, onde as temperaturas fossem mais amenas, e o custo de vida mais barato.

Infelizmente no inter-rail nem sempre os comboios vão directos para onde gostaríamos de ir, por vezes há que ficar em sítios no meio do nada à espera de um outro comboio. Dormir no chão da estação não é muito mau, pelo menos há um tecto para nos proteger. Mas quando a estação fecha e o único sítio é a rua aí é diferente, procurar abrigo pela noite, com o cansaço, o frio, às vezes à chuva faz com que a nossa vontade seja derrubada. Por vezes o único sítio que encontrava para dormir era debaixo dos carros, onde era invisível para os ladrões e tinha um pouco de protecção contra a chuva e o frio.

Eu nunca pensei que viver na rua era mau, para mim viver nas ruas era um modo de aprender, fazia com que eu entendesse aqueles em que nelas viam a sua casa.

No comboio em direcção à Itália, conheci um rapaz do Canadá e uma rapariga do México, também eles se tinham conhecido no comboio, íamos em direcção a Veneza. Tinha ouvido muito acerca de Itália, em especial de Veneza, com os seus canais.

Estava a 9 dias do final da minha viagem, Itália seria talvez o meu último destino antes de voltar para Portugal. Podia gastar um pouco mais de dinheiro, assim alugámos um quarto, eu e os meus novos companheiros de viagem.

Veneza é sem dúvida uma cidade de romance, com os seus canais, pontes e praças.

Com as gôndolas e os seus gôndoleiros a cantarem serenatas. Os carros deram vez aos barcos, as praças, especialmente a praça de S. Marcos estava rodeada de cafés, onde música clássica ao vivo enchia a atmosfera de uma magia contemporânea.

Centenas de pessoas reuniam-se nas praças, uns para beber café, outros para apreciar a arquitectura, outros para apreciar aquela atmosfera. Eu tirava as três bolas que tinha comigo e fazia malabarismo, o dinheiro que ganhava não era muito, mas pelo menos era uma boa maneira de conhecer pessoas.

Alugámos uma gôndola para os três, e percorremos os canais de Veneza da maneira mais típica de todas. Não foi tão romântico como eu tinha pensado, mas pelo menos havia uma mulher a bordo.

Mais tarde eu e o rapaz do Canadá fomos para Roma, a rapariga foi em direcção ao leste. Apesar de estar um pouco farto de monumentos, Roma é uma cidade monumento. Estar aqui significava que tinha de ver alguns dos mais importantes monumentos da nossa história.

Roma é uma cidade enorme, percorrê-la a pé demorou três dias. O monumento que gostei mais de visitar foi sem dúvida o Coliseu de Roma. É um monumento impressionante, com as suas galerias, palcos e caminhos subterrâneos. Teria sido um monumento espantoso se fosse criado no século vinte, mas ter sido criado à mais de 2000 anos, é para lá das palavras.

- "Quem vai a Roma tem de ver o Papa".

Bem, no meu caso não tinha interesse em ver o Papa, no entanto os fantásticos monumentos do Vaticano são algo que não se deve perder, mesmo que não se seja um adepto da religião. Em especial o seu museu, com todos os seus artefactos, tubas, quadros, esculturas e outro sem fim de relíquias, as pinturas de Miguel Ângelo na capela cestina foram para mim uma das mais impressionantes visões. Sentado no chão da capela, deixei os meus olhos deambularem pelos frescos durante horas, até o meu pescoço não poder mais. Saí de Roma em direcção ao norte, encostado à costa oeste Italiana, mais uma vez escolhi parar numa capital da arte - Florença. Sem dúvida que a arte aqui está visível em todos os cantos, com as esculturas de Miguel Ângelo mais uma vez a marcarem presença, como Pisa estava só a hora e meia de Florença fui até lá, mais uma vez arte foi o ponto forte

Foi ao entrar no comboio em Florença que conheci uma rapariga do Canadá, conversámos ao longo da viagem até que tivemos de mudar de comboio. Como o próximo comboio demorava algumas horas fomos até um restaurante e pelo caminho conhecemos mais duas raparigas, que também se juntaram a nós.

O nosso comboio saía de noite, fazia a viagem até França e lá teríamos de mudar de novo de comboio em direcção a Espanha.

As raparigas tinham reservado camas, eu como sempre dormi onde podia, que nessa noite por sorte foi nos bancos. Quando acordei, senti um arrepio na espinha, pela primeira vez desde que tinha começado esta viagem tinha-me esquecido de pôr a mochila dos documentos debaixo da cabeça. Levantei-me à procura, os meus olhos buscavam conforto na visão da minha mochila, mas o mesmo arrepio agora espalhava-se por todo o meu corpo dizendo-me o pior. Tinha sido roubado, todo o meu dinheiro, cartões e bilhete de identidade, a única coisa que tinha era a mochila da roupa.

Não tinha muito tempo para pensar no que iria fazer, o próximo comboio estava já de saída, sem pensar saltei para o outro comboio. Procurei um sítio para me

esconder, sabia que o pica bilhetes iria aparecer mais cedo ou mais tarde. O único sitio que encontrei foi debaixo dos bancos, onde viajei por três horas e como havia pessoas sentadas nos bancos onde me escondia, não me podia mexer, fazendo desta viagem um pesadelo. Mas pelo menos tinha chegado até Barcelona, onde voltei a encontrar as raparigas. Só aí entendi verdadeiramente a gravidade da minha situação. No entanto eu não podia deixar de sorrir, dentro de mim havia uma erupção de alegria que não conseguia explicar.

-Porque estás tão feliz- perguntou-me a rapariga do Canadá.

- Não sei, mas nunca senti nada assim em toda a minha vida.

- Mas roubaram-te tudo.

- É verdade, roubaram-me tudo de material, mas não me roubaram o sonho, os sentimentos, a alegria de viver e de ser livre.

Pela primeira vez eu sentia aquele sentimento que dominava o meu corpo. A felicidade era tanta que lágrimas começaram a cair, era como se tivesse um nó no estômago e na garganta.

Pela primeira vez eu estava completo.

As raparigas foram incríveis, apesar de não terem muito, fizeram questão de me ajudar com algum dinheiro. Algum desse dinheiro utilizei numa chamada telefónica para a minha mãe dizendo o que se tinha passado, para que ela não se preocupasse que eu iria arranjar maneira de voltar mesmo que isso demorasse algum tempo. Eu sabia que poderia ir à embaixada Portuguesa e pedir ajuda mas isso era demasiado fácil.

Foi na companhia da rapariga do Canadá que entrei no comboio em direcção a Madrid. Infelizmente nesse comboio não havia espaço para me esconder debaixo dos assentos. Com uma rápida vista de olhos descobri o único sitio onde poderia encontrar refúgio, o sitio para pôr as bagagens. Deitei-me e com a ajuda da minha amiga cobri-me de malas.

Se a viagem de França para Espanha tinha sido um pesadelo agora estava no inferno. Como se não bastasse ter barras de ferro debaixo das costas, ainda tinha de levar com as mochilas em cima. Numa ocasião as mochilas eram tão pesadas que um gemido denunciou-me, agarrando a atenção de um casal. Os seus olhos esbugalhados de admiração recaíram sobre o monte de malas, e os seus queixos caíram ao ver a minha cara no meio delas. Felizmente o seu sorriso indicou-me que eles não me iriam denunciar, dessa maneira consegui chegar até Madrid.

Em Madrid disse adeus à rapariga do Canadá enquanto corria para o comboio, que partia em direcção a Lisboa, mas com toda aquela correria, não tinha tido tempo para descobrir um local para me esconder. O comboio já estava em movimento quando encontrei um sitio. O plano era, sempre que o pica bilhetes viesse, eu abria a porta agarrando-me à parte de fora do comboio, esperava que ele passasse e voltava a entrar. Era arriscado, em especial num comboio de alta velocidade, no entanto o plano resultou por várias vezes apesar de numa delas quase ter caído. Mas o cansaço de dois dias quase sem dormir, fez com que eu adormecesse, acordando com o pica bilhetes à minha frente.

- O seu bilhete por favor.- Perguntou ele com um ar arrogante, sabendo que se eu tivesse um, estaria sentado e não no corredor. Levantei-me procurando na mochila, fingindo que tentava descobrir o meu bilhete.

- Alguém me roubou a carteira - disse alto com um ar de espantado, mas não resultou.

Na próxima paragem tive de sair na companhia de dois polícias, eles fizeram algumas perguntas e depois de verem que eu não era um ilegal deram-me a escolher, ou ia ao consulado ou tentava pedir boleia até Lisboa. Estava agora na fronteira entre Portugal e Espanha.

Os polícias eram uns gajos bacanos, deixaram-me à beira da estrada, onde vários camiões passavam em direcção a Portugal. Passaram 6 h até alguém parar, mas quando o fizeram tive a sorte de eles irem para Lisboa, deixando-me no Campo Grande. Quando meti a mão ao bolso, tirei o pouco dinheiro que tinha, que era a quantia exacta para o bilhete de autocarro até aos Bons Dias.

Eu estava de volta ao conhecido, tinha voltado para onde tinha nascido, amigos e família. No entanto, o meu pensamento e coração estavam longe. Não queria voltar a ser a mesma pessoa que tinha sido antes, com toda aquela violência, dor e raiva.

Eu gostava dos sentimentos que tinha experimentado, não queria que eles fossem apenas vagas recordações, queria fazer com que eles fizessem parte de todos os dias da minha vida.

O meu pai disse-me uma vez,.... - " alegria e felicidade eram apenas momentâneos, era impossível estar sempre feliz".

Talvez ele tivesse razão, mas eu queria tentar ter mais, não me conformava em seguir os outros, ser mais uma ovelha que segue o rebanho. Desde criança que ouvira uma cassette, que um tio meu tinha gravado, nela ele recitava poemas.

Alguns que ele tinha feito, outros de outros poetas.

Entre eles estava um poema de António Régio, intitulado Cântico Negro. Ouvi esse poema centenas, se não milhares de vezes, até que eu e o poema transformámo-nos num só.

"..... - Se às perguntas que faço, vocês não me dão resposta, porque me dizeis vós, vai por aqui ?.....

..... -Não, não vou por aí. Só vou para onde me levarem os meus próprios passos.....

.....não sei para onde vou,não sei para onde vou, só sei que não vou por aí.

Eu queria ir para onde me levassem os meus próprios passos, queria sonhar sem limites. E fazer dos meus sonhos a realidade da minha vida. Comecei a trabalhar na montagem de exposições de antiguidades, assim que tivesse dinheiro iria partir, só tinha de descobrir para onde.

Eu e três amigos vínhamos de uma noite do bairro Alto, quando três gajos tentaram roubar um dos meus amigos.

Sem a menor hesitação fui a sua ajuda, eu estava habituado a lutar e sabia que poderia enfrentá-los sem dificuldade. Infelizmente não eram só três, mas sim dezasseis, toda a minha loucura, toda a minha força, pouco pode fazer para pará-los. No meio de toda aquela confusão de pontapés e socos, vi uma faca a

vir na minha direcção, com um movimento rápido, movi o meu braço para impedir que a faca me atingisse..O movimento tinha sido demasiado rápido, a faca não tinha penetrado no corpo, mas sim no meu braço esquerdo. A luta foi quebrada pela polícia a paisana, que vim a descobrir mais tarde, estava a seguir o grupo.

Três carros pararam ruidosamente, saindo policíás com armas em punho, apanhando os dezasseis agressores. Todos os tendões do meu braço esquerdo tinham sido cortados, foi necessário duas operações e 2 meses de recuperação. Não foi ter levado a facada que me entristeceu, ou as dores físicas, o que realmente me doeu, foi ter voltado ao passado.

"- Olho por olho, dente por dente"

As viagens não estavam esquecidas, mas a vingança estava no meu sangue, dia após dia procurava os meus agressores. Andava na rua com catana, facas e armas de fogo. Violência traz violência, sangue traz sangue, morte chama a morte. Foram os meus amigos que mais uma vez me chamaram à razão, amigos que eram e são a minha família.

- Não podes viver assim meu amigo, a morte irá encontrar-te mais cedo ou mais tarde.

Eu sabia que isso era verdade, que um dia seria a minha vez, mas eu não tinha medo da morte e isso fazia-me cego para a realidade da vida. Um dia disse que iria partir, não tinha muito dinheiro, mas não podia viver mais daquela maneira. O meu coração estava dorido da dor, cheio de sentimentos negros, a minha mente estava esgotada de pensamentos que levavam à tristeza. Antigamente tudo isso era normal, mas agora eu sabia que havia mais.

Comprei o bilhete para o Reino Unido, iria partir dentro de duas semanas, não sabia onde trabalhar ou onde procurar casa. Tinha escolhido o Reino Unido porque queria aprender a falar inglês correctamente. Sempre que sonhei, o mundo juntou energias para que pudesse realizar esse mesmo sonho. Uma amiga minha deu-me o contacto do seu irmão que vivia no Reino Unido, no sítio onde ele trabalhava estavam a precisar de uma pessoa. Assim lá fui eu para a pequena ilha de Guernsey, no canal inglês.

Comecei a trabalhar como empregado de balcão num restaurante chinês e cocktail bar, o meu inglês continuava a ser muito mau, mas como gostava do trabalho fui aprendendo depressa. Além disso o meu inglês melhorava bastante, com um pouco de álcool e falando com raparigas inglesas. Estava a viver com um outro rapaz português, num pequeno quarto.

O quarto tinha duas camas, um lavatório e um armário, a casa de banho era comum com o resto das pessoas que viviam no prédio. O rapaz que vivia comigo era simpático, mas tinha algumas complicações com a polícia, que fez com que eu tivesse de o tirar da cadeia algumas vezes. Penso que o seu passado na heroína não ajudava. Além de trabalhar no bar chinês, também trabalhei num bar japonês e numa discoteca a encher os frigoríficos e a limpar as casas de banho.

Tinha trabalhado seis meses em Guernsey quando comecei a sentir uma vontade incontrolável de partir. Aquela ilha tinha-se tornado demasiado pequena, queria ver e aprender coisas novas. Foi numa tarde, com uma caneca de cerveja defronte a nós, que decidimos partir, eu e o rapaz que vivia comigo. Tínhamos decidido que iríamos para um local onde o sol brilhasse.

Um amigo meu tinha me dito que Tenerife era bom sitio para passar férias, pensei, se é um bom sitio para férias, melhor será para viver. Saímos do bar em direcção à agencia de viagens, onde comprámos os bilhetes para a semana seguinte.

Foi no mapa mundo que estava exposto na parede da agência de viagens que descobrimos onde ficava Tenerife.

2. Tenerife

Chegámos ao aeroporto I de Tenerife quase de noite, apanhámos um táxi que nos deixou a nosso pedido no sitio mais turístico da ilha - Verónicas. Queríamos ir para o sitio mais turístico porque aí seria mais fácil encontrar um trabalho, infelizmente Verónicas não era o sitio mais amigável do mundo. Não demorou muito para ver o tipo de pessoas que se movimentavam na rua, por um lado os turistas, maior parte ingleses que tinham dado demasiado na bebida, por outro lado os ladrões, quase todos marroquinos, movimentavam-se como hienas, trabalhando juntos para apanhar a presa.

Começámos por viver no parque de campismo, onde conhecemos alguns dos marroquinos que "trabalhavam" nas Verónicas. Eles eram muito simpáticos e ofereceram-se para nos ensinar os ofícios do trabalho que faziam. Agradei a sua amabilidade mas eu procurava um trabalho mais estável, que não tivesse de correr tanto. Já o meu amigo se mostrou muito interessado, fazer pouco e ganhar muito era uma idéia excelente para ele.

Nas duas semanas seguintes fomos todas as noites para as Verónicas, eu à procura de trabalho, o meu amigo a tentar "trabalhar". Depois de duas semanas a dormir ou na praia ou no parque de campismo, tinha conseguido encontrar um trabalho, era no centro das Verónicas a começar às 21 h e a acabar às 9 h. Na entrevista a única pergunta que o dono do local me tinha feito, tinha sido.

- Sabes lutar?

-Sei - respondi.

- Podes começar amanhã.

Era um pequeno estabelecimento onde vendiam comida, a maior parte dos clientes estavam muito bêbados, os que não estavam, eram os meus "amigos" marroquinos. O local era um verdadeiro antro, no meu segundo dia vi um gajo a ser esfaqueado, na mesma noite, a senhora que trabalhava comigo roubou uma carteira a uma cliente que estava demasiado bêbeda para se aperceber. As lutas eram constantes, sangue, ambulâncias e policia eram aparições regulares várias vezes pela noite dentro. Eu detestava aquele local, mas precisava do dinheiro, tinha recebido outros convites para trabalhar em discotecas. Contudo o trabalho não se limitava a vender bebidas, também tinha de vender drogas. O sul de Tenerife era governado pela máfia, os ingleses de um lado, os marroquinos do outro. Eu não era nenhum santo, mas tentava sair daquela vida, não me afundar nela, apesar de conhecer os "soldados" dos dois lados da batalha, tentava manter-me o mais distante que podia da sua guerra.

Trabalhei durante um mês naquele local até que encontrei um outro trabalho, ficava também situado nas Verónicas. Contudo a mudança tinha sido enorme, era um bar de cocktails com um ambiente descontraído, raramente havia problemas e os donos estavam afastados da máfia. Aluguei um quarto, que na realidade era uma garagem, mas era melhor que dormir na tenda, com o calor insuportável que fazia.

Mais tarde aluguei uma casa com um outro rapaz, era uma casa pequena, com apenas um quarto, sala, cozinha e casa de banho. Ficava nos Cristianos defronte ao mar, apesar de não ser muito, eu adorava aquele local. Estava a

viver em Tenerife, defronte ao mar, a trabalhar num bar de cocktails, a conhecer raparigas todas as noites. Tudo isso tinha sido conquistado pelo meu próprio esforço, tinha sido difícil mas a sensação de concretização era fabulosa. Já para o rapaz que tinha vindo do Reino Unido comigo, a vida não corria tão bem, ele tinha seguido o caminho fácil ou pelo menos assim pensava, um dia chegou ao local onde eu vivia todo cheio de sangue, tinha-se metido com a máfia e drogas e agora estava a pagar o preço. Dei-lhe dinheiro para que ele fugisse, mas mais tarde vim a saber que tinha sido morto com um tiro na cabeça.

Estava no porto quando vi um barco a chegar com mergulhadores, logo aí fiquei fascinado com a ideia de mergulhar, de ver com os meus próprios olhos o que tinha visto tantas vezes na televisão. Depois de algumas perguntas, comecei a tirar o curso de mergulho, não demorou muito para que me apaixonasse pela vida debaixo de água.

Depois de tirar o curso open water, comecei a trabalhar na escola de mergulho, não ganhava dinheiro, mas podia mergulhar e tirar os cursos de graça. De dia trabalhava no mergulho, mergulhando duas a três vezes. Adorava acordar e ir mergulhar, ver tartarugas, golfinhos, raias, baleias, tubarões e muitos outros animais no silêncio do oceano. Era como descobrir um novo mundo, neste mesmo mundo. O mergulho tornou-se parte essencial da minha existência, tirei diversos cursos até ser mergulhador profissional. De noite trabalhava no Harry's cocktail bar, que era outro grande sonho, trabalhava num dos sítios mais populares da ilha, onde todas as noites haviam grandes festas. Era dois estilos de vida muito diferentes e por vezes difíceis de conciliar, contudo a minha grande paixão pelos dois, fez com que eu os mantivesse por alguns anos.

Mais tarde estive quase a abrir a minha própria escola de mergulho, tudo estava pronto, infelizmente esse sonho foi destruído.

Tinha sido chamado para o exército, não só perdi a escola de mergulho, mas também a casa onde morava.

3. De volta a Portugal

Foi uma altura muito má da minha vida, eu odiava o exército. Ser mandado por um bando de idiotas não era um dos meus sonhos. Foram apenas seis meses daquela palhaçada, o suficiente para destruir muitas das coisas que tinha conquistado.

A minha má sorte de ter que ingressar no exército, fez com que eu conhecesse uma rapariga chamada Ana Guerreiro.

Foi amor à primeira vista, por muito estúpido que isso pareça, mas a verdade é que foi. Passei cinco meses com ela, a maior parte do tempo a vivermos juntos, ambos sabíamos que eu iria partir quando o meu tempo no exército terminasse, na verdade eu parti, disse para mim mesmo que eu iria esquecê-la, que em Tenerife havia muitas mulheres.

Era verdade, em Tenerife havia muitas mulheres, mas nenhuma delas conseguiu tirar aquele nó da garganta, aquela bola no estômago. Nenhuma delas conseguiu parar as lágrimas de dor que escorriam pela minha face na recordação da pessoa que eu amava. Foram três meses a falar com ela ao telefone, ela veio ter comigo uma vez a Tenerife, e eu decidi que queria estar com ela. Apesar de adorar viver ali, de ter tudo o que tinha sonhado, eu não era feliz.

Mais uma vez segui o meu coração, e fui viver com ela para Portugal. Aluguei uma casa em Faro, onde poderia arranjar trabalho e estar perto dela. Ela dava aulas numa pequena vila no interior algarvio, à noite quando estávamos juntos eu estava muito feliz. Mas quando ela não estava ao meu lado, a felicidade desaparecia.

Odiava viver em Portugal, sentia falta do calor, das festas, da água quente, do mergulho daquela vida tão diferente a que eu estava habituado. Em Portugal trabalhava em bares e restaurantes, a vida era monótona sem aventura.

Resolvi fazer mais uma viagem antes de assentar, de ter casa, carro e filhos. Índia, seria o destino, a viajar por esse fantástico país cheio de tradições, história e magia. Tentei que ela fosse comigo, mas o seu trabalho não o permitia, assim parti para o que seria a minha última viagem. Esta viagem servia para mim como uma prova, do que eu queria realmente da minha vida.

Fiz um diário de viagem, que na realidade não era mais que uma carta para a pessoa que amava. No dia 6 de Novembro de 2001, parti para a minha primeira viagem fora do continente Europeu.

4. India

Depois de uma grande viagem de avião (19 h), onde não consegui pregar olho, finalmente cheguei a Nova Deli. Eu só queria uma cama para descansar, um sitio para fechar os olhos. As portas do aeroporto estavam apinhadas de gente, todos a oferecerem algo, mas nenhum a oferecer o que eu procurava. Eu estava perdido, não sabia o que fazer, na Europa tudo era tão fácil, organizado e era fácil de entender o que fazer. Aqui era um caos, de braços no ar, gritos e empurrões, parece que toda a gente de Nova Deli estava na porta daquele aeroporto para me tentar enganar.

Nos primeiros dez minutos pensei seriamente em apanhar o avião de volta, e fugir dali. Muito a medo, arranjei um táxi, para que me levasse para um endereço de um hotel barato. O condutor disse que não era possível porque o presidente do país iria passar por ali na manhã seguinte, e que todas as estradas estavam cortadas naquela zona. Eu duvidei muito do que ele me disse, mas eu só queria um sitio para dormir e deixei que ele me levasse para um hotel qualquer..

Na manhã seguinte ainda estava atordoado, a única coisa em que conseguia pensar era sair daquela cidade de loucos.

Fui ao centro de informação a turistas para ver se eles me ajudavam, mas o que encontrei foi um centro de extursão a turistas.

No final comprei uma viagem para Srinagra, eles disseram que ficava nas montanhas, no norte do país, que calma e paz reinavam naquele local, era isso que procurava.

Foram 24 horas de autocarro até chegar a Srinagra, dezenas de paragens nos postos de controlo para que policia e militares fiscalizassem tudo e todos. Durante a viagem conheci uma rapariga Alemã, também ela tinha chegado há muito pouco tempo à Índia. Depois de se sentar ao meu lado no banco do autocarro, as suas primeiras palavras foram.

- Podes ser o meu namorado até esta viagem acabar?

Olhei na direcção de onde ela tinha vindo, e automaticamente compreendi a sua pergunta e o seu olhar de pânico.

- Claro, mas gostaria de saber o teu nome primeiro.....

Também ela ainda não se tinha habituado, ao olhar abismado, provavelmente ela pensaria que seria mais um olhar de tarado, que os Indianos nos lançavam. Talvez pela raridade de turistas naquela zona, os locais não tiravam os olhos de nós.

Mas não era só o olhar que incomodava, eles não se limitavam apenas a dar um olhar inquisidor, eles faziam-no na nossa cara.

Eu passei quatro horas no autocarro, com um homem a olhar para mim, a menos de 20 cm da minha cara.

Quase ao chegar a Srinagra, descobrimos para onde estávamos realmente a ir, era verdade que estávamos no norte do país, que montanhas cobertas de neve nos rodeavam. O que na agência de viagens eles se "esqueceram" de dizer era que estávamos em Kashmir, uma área disputada entre o Paquistão e a Índia. Onde bombas rebentam regularmente e confrontos militares eram noticias diárias nos jornais internacionais.

Havia mais militares nas ruas que vacas, e isso é muito militar, a rapariga Alemã no momento que chegou já estava a comprar um bilhete de ida.

-Eu ouvi muitos avisos para que nenhum turista viesse para esta zona da Índia .- disse ela com uma cara de pânico, no momento que saía do autocarro. Agora entendia porque tinha sido tão barata esta viagem. Ao sair conheci a pessoa com quem iria passar uma semana, chamava-se Kaur. Viajámos mais de uma hora de jipe e 20 minutos de barco até chegar à sua casa.

O local era verdadeiramente fenomenal, havia 5 lagos enormes ligados por canais, os himalaia rodeavam-nos, com picos cobertos de neve, que chegavam aos 7135 metros de altitude.

A grande maioria dos locais viviam em barcos, que eram por si só verdadeiras obras de arte.

Kaur tinha dois barcos casas, um para viver com a sua família, o outro para alugar.

Infelizmente, desde do começo das disputas entre a Índia e o Paquistão, o estado de kashmir tinha muito pouco ou nenhum turismo. Os turistas que chegavam eram na maioria pessoas como eu, que não faziam a mínima ideia para onde estavam a ir.

O local era lindo, as pessoas simpáticas, a comida um mimo, contudo a instabilidade na zona era inquestionável. Não podia andar na rua livremente, tinha que levar comigo um guia a todo o momento. No princípio pensei que fosse mais um esquema para deixar mais uns dólares nos bolsos de Kaur. Mas Kaur disse que não tinha de pagar pelo guia, que ele era o responsável pela minha segurança enquanto eu vivesse na sua casa.

Assim, eu e Fida - o guia - tornámo-nos inseparáveis.

Fida tinha apenas 20 anos mas parecia ter muito mais que isso - uns 35 pelo menos - uma vida de trabalho duro, clima agreste com as preocupações de alguém que vive numa zona de conflito, tinham deixado marcas na sua aparência.

Com Fida ao meu lado fomos a templos- hindus e muçulmanos- andámos pelas ruas onde os militares nos lançavam olhares de desconfiança - por detrás de sacos de areia, com metralhadoras às costas-, fomos a casa da sua família onde passámos momentos memoráveis, bebendo chá e fumando num enorme cachimbo de água.

Mas os momentos que ficaram mais entranhados na minha memória, foram aqueles passados no barco.

Aquelas manhãs frias, quando o gelo derretia dos parapeitos, quando pequenas canoas se entranhavam no labirinto de barcos vendendo mercearias aos locais -chá, arroz, manteiga, vegetais, tabaco, peixe.....-

O chá quente defronte à caldeira olhando os Himalaias.

Eu tinha encontrado a paz que necessitava, tinha posto a minha cabeça em ordem, agora poderia partir.

Depois de descobrir o jipe certo, agora já sem o fida, comecei a viagem até Jamum, com mais nove pessoas.

Com os seus sacos, malas e outros haveres que cobriam não só o tejadilho do carro, mas também o seu interior.

O jipe era de 5 lugares, o que fez com que a viagem fosse dolorosa, em especial em estradas de terra batida com buracos enormes, que mais pareciam que nos iam engolir. Foram oito horas de viagem para fazer 305 km até Jamum.

Daí iria apanhar um comboio até Agra, o que eu não sabia era que apanhar um comboio na Índia, fosse tão difícil.

Depois de passar horas esmagado em filas, tinha conseguido comprar um bilhete. Como sempre comprei o mais barato, mas depressa vim a descobrir a má opção que isso foi.

Centenas de pessoas esperavam pelo comboio, mas eram nas duas últimas carruagens que a concentração de corpos era mais intensa. Mesmo antes de as portas estarem abertas, já havia pessoas a tentarem penetrar nessas duas carruagens. Alguns pelas janelas, outras pelo telhado, era um caos de mãos e braços numa luta desenfreada na tentativa de arranjar um lugar sentado. O meu bilhete tinha sido barato, mas não me dava direito a mais do que um lugar no comboio, se queria ir naquele comboio tinha de me fazer à vida e "lutar" pelo meu espaço. Quando finalmente consegui entrar - à força de empurrão - o único lugar que vi disponível, era ao lado da casa de banho. Era apenas um lugar no chão, mas pelo menos podia sentar-me, e como tinha uma das portas do comboio no meu lado esquerdo, sabia que podia sair dali rapidamente se houvesse um acidente. Meti a mochila no chão e sentei-me sobre ela, era esse todo o espaço que tinha. Logo ao meu lado, ombro a ombro havia outro homem e alguns segundos depois tinha outro aos meus pés.

Soube naquele instante que a viagem até Agra, 19 h oficiais, iria ser algo inesquecível.

As horas foram passando, o cansaço dominava o meu corpo, mas mesmo assim não conseguia dormir. Não só pela má posição em que me encontrava, mas também pelo cheiro nauseabundo que vinha da casa de banho, onde baratas saíam à procura de comida. Além disso o homem que estava aos meus pés, "passeava" com as mãos pelas minhas pernas. Tinha os olhos fechados e parecia dormir, sabendo como o espaço era tão confinado não dei importância a princípio.

Fechei os olhos para descansar um pouco, mas para minha surpresa quando os abri estava a ser apalpadado pelo tal homem que estava à minha frente. Uma onda de raiva explodiu dentro de mim, primeiro o cansaço, depois o espaço confinado, o cheiro nauseabundo e agora um gajo a apalpar-me. Com um grito que varreu a carruagem levantei-me, e comecei a bater naquele gajo, enquanto ele gritava e fugia pelo meio do emaranhado de pessoas que riam à sua passagem. Sendo o único ocidental naquela carruagem - se não, em todo o comboio - todas as atenções foram viradas para mim. Vim a conhecer alguns militares, que tinham conseguido lugares sentados, eles convidaram-me a sentar ao pé deles e aí, falando acerca do mundo, fiz o resto da viagem até Agra.

Eram umas 18 h quando cheguei a Agra. Depois de negociar o preço de uma **troque troque**, (pequenas motorizadas de três lugares) e de arranjar um quarto, fui ver o que me trouxe a Agra. Agora já na companhia do motorista da **troque troque** e mais um amigo seu, percorre-mos as ruas de Agra por entre o seu tráfego caótico, de centenas de carros que pareciam ir em todas as direcções. Com as famosas vacas Indianas a desfilarem por entre os carros, camiões, **troque troques**, carroças de madeira puxadas por camelos e ainda outras puxadas por homens levando enormes pilhas de mercadoria. Apesar da poluição e barulho, tudo aquilo era mágico aos meus olhos, a nossa primeira paragem foi num bairro de lata, por detrás do Taj Mahal. Entre o bairro de lata e o Taj Mahal havia um rio, eram apenas umas dezenas de metros de

distância, mas no entanto eram um mundo a parte. À beira do rio, mulheres lavavam roupa, enquanto as suas crianças brincavam nas águas. Do outro lado uma família levava a cabo a cremação do corpo dum familiar. Infelizmente para muitas dessas famílias o preço da madeira é insustentável e as cremações que deveriam levar cerca de 3 dias são cortadas dependendo do dinheiro que a família tenha. Muitos corpos são levados pelas águas sem que estejam correctamente cremados. Do outro lado do rio, imponente, com a sua estrutura de mármore, pedras preciosas e semipreciosas estava um dos edifícios mais fotografados do mundo.

Um monumento ao amor. Daquele local onde estávamos, tínhamos uma visão perfeita da parte detrás do edifício. Enquanto o sol se desvanecia as cores do Taj Mahal mudavam como num truque de magia. Ali sentado à beira do rio, fui absorvendo tudo o que a Índia tem para dar. Os homens da **troque** troque, eram uns gajos simpáticos, e eu tinha vontade de falar com alguém. Depois de alguns pedidos discretos para que comprasse algumas bebidas decidi fazer-lhes a vontade. Mais tarde apercebi-me que estavam a tentar ver se me punham bêbado, talvez para tentar tirar-me algum dinheiro mas depois de duas garrafas de rum, eles aperceberam-se que isso seria difícil. O seu estado de alcoolemia já era demasiado avançado, para fazer fosse o que fosse, até para voltar para a **troque troque** tive dos ajudar. Vendo o seu estado, decidi ser eu mesmo a guiar a **troque troque** de volta ao quarto, o que foi uma aventura do princípio ao fim.

Logo cedo pela manhã fui para o Taj Mahal realmente dito, queria lá estar ao nascer do sol para ver todo o seu esplendor, tirar aquela famosa fotografia do Taj Mahal, no reflexo das águas. As cores do edifício mudavam, como por magia, com a subida do sol. E toda a sua glória revelada aos meus olhos. Passei horas a deliciar-me a ver a sua arquitectura, com milhares de pedras, algumas semipreciosas outras preciosas, a decorarem os desenhos que descreviam histórias de outros tempos.

Também passei algum tempo a admirar o forte vermelho, que está do lado oposto do Taj Mahal. Foi aí, num quarto, com uma janela virada para o Taj Mahal, que morreu o homem que mandou contruir o Taj Mahal. Encarcerado pelo seu próprio filho

Comprei o bilhete para Varanassi, agora já com confiança em mim mesmo. Fiquei alojado num pequeno quarto no terceiro andar dum velho hotel, a janela do quarto ficava voltada para um pequeno pátio fechado, onde pelas manhãs a empregada juntava esterco de vaca. Que mais tarde seria utilizado para alimentar o fogo, com que as refeições seriam cozinhadas.

Varanassi teve um grande impacto em mim, mais do que todos os outros sítios que tinha estado na Índia. Em cada esquina havia um templo, e em cada templo havia crentes oferecendo oferendas aos deuses. Flores, comida e incenso eram as oferendas mais comuns. Varanassi é uma das sete cidades sagradas para os Hindus, e o Ganges é o epicentro dessa devoção. Nas suas águas os crentes banhavam-se, porque acreditam que têm propriedades curativas, senão mesmo milagrosas. E era nas suas margens que muitos escolhiam ser cremados e mais tarde as suas cinzas seriam lançadas às águas. Homens de corpos pintados com longos cabelos percorriam as margens, dando a benção e uma pinta no centro da testa em troca de algum dinheiro. Alguns deles com enormes lanças de três bicos e outros objectos,

com as caras pintadas de vermelho e branco, que lhes davam um ar espiritual como também diabólico.

Num dos dias que passei em Varanassi decidi fazer uma viagem de canoa ao longo do rio, onde se pode ver em detalhe os templos que adornam as suas margens. A cremação dos corpos que aos meus olhos tinha um grande fascínio, mas por respeito às famílias, não queria estar com a câmara na mão, a perturbar num momento de tanta dor. Assim o barco era o transporte perfeito, podia ver e apreciar a vida dos locais.

As águas do Ganges são sujas, com esgotos a céu aberto a serem lançados ao seu caudal, com corpos semidesfeitos de vacas, porcos e mesmo restos humanos a boiarem nas suas águas, com corvos a debicarem os seus restos. Mas isso não impede, que todos os dias centenas, se não mesmo milhares de pessoas, venham às suas margens para lavar a roupa, tomar banho ou apenas benzer-se. Foi também em Varanassi que tive pela primeira vez um contacto mais directo com a religião hindu, passei inúmeras horas dentro de templos. Não só para apreciar a sua arquitectura, mas mais para entender aquela complexa religião. Onde deuses, semideuses e muitos animais são adorados e venerados. Era comum encontrar animais dentro dos templos, como macacos, vacas e há mesmo sítios na Índia onde ratos são venerados, andando sobre os crentes enquanto eles rezam. Mas Varanassi não tinha apenas templos Hindus, havia também templos budistas, mesquitas e igrejas. Foi aqui que Madre Teresa de Calcutá passou grande da sua vida ajudando os mais pobres.

Foi numa das muitas agências de viagens que operam em Varanassi que comprei o bilhete de camioneta para o Nepal.

Saí pela manhã cedo - com os atrasos do costume- mas tudo correu bem, apesar das dez horas de viagem. Havia poucas pessoas dentro da camioneta, podia saltar de janela para janela, de um lado para o outro, para ver a enorme beleza que se deparava aos meus olhos. Era como ver um daqueles filmes do Vietname, passamos por enormes lagos, montanhas, e vales que pareciam não terem fim. Mulheres com roupas da cor do arco-íris, passavam com vasilhas de água sobre a cabeça, enquanto crianças corriam por dentro dos campos de mostarda ao seu redor.

Já era de noite quando chegámos à fronteira, passei aquela noite ali. Na camioneta tinha conhecido gente interessante, a sua companhia fazia com que a dor do meu peito fosse apaziguada, e por breves instantes esquecida. Desde o primeiro dia, que tinha escrito um diário, era mais do que um diário de viagem. Era o elo de ligação entre mim e a pessoa que amava, era onde eu passava em forma física toda a dor que vivia dentro de mim. Sim, eu estava feliz por realizar o meu sonho de viajar, sentia uma alegria inexplicável quando viajava. O desejo de ver o mundo com olhos de criança sábia tinha brotado em mim, não queria ver o mundo com a maldade e falsidade de uma sociedade dominada, senão mesmo telecomandada por costumes, religiões, crenças, e leis hipócritas. Eu queria ser livre como o vento, e como ele, chegar e partir, quando a hora chegasse. Quando viajava o meu coração estava limpo de mágoa, já não temia o desconhecido, por outro lado, fascinava-me a sensação de não saber onde iria dormir na próxima noite.

Mas outra parte de mim chorava, por não ter a mulher que amava ao meu lado. O meu maior desejo, o sonho da minha vida, era ser feliz. Nada mais. Eu

só queria acordar todos os dias com o coração cheio de alegria, não interessava se debaixo da ponte ou num castelo. Mas a verdade era que, mesmo ali, vivendo o meu grande sonho, eu não era totalmente feliz.

5. Nepal

Cedo pela manhã fui para a paragem de camionetas, para meu desespero havia muito mais gente do que no dia anterior, e ao segundo, havia mais gente para entrar. O motorista e os seus ajudantes estavam no tejadilho, a atar as mochilas.

Com um sorriso, perguntei:

-Posso ir no tejadilho?

-Sim mas é por tua conta e risco. Respondeu o motorista, depois de me dar um olhar desconfiado.

Um outro rapaz, deu um sorriso ao motorista, e mesmo sem perguntar o motorista respondeu:

-Por tua conta e risco.

Todos os outros viajantes olharam para nós com se fossemos estúpidos, um ou outro, ainda disse - São 12 ou 13 horas de viagem, têm a certeza que querem ir aí?

- Pelo menos aqui posso respirar e mover-me livremente, além disso posso apreciar a paisagem muito melhor - Respondi.

Rapidamente começámos a arranjar espaço para nos deitar ou sentar, como katmandu está a uma altura de 1000m também tirei o saco de casa em caso de ficar frio. Ali no topo daquela velha camioneta, entranhado entre sacos, passando aos pés de enormes montanhas, serpenteando ao longo de poderosos rios, senti aquela felicidade, aquele sentimento de completa concretização. O mesmo sentimento que tinha sentido em Barcelona, quando sem comida, sem dinheiro e sem documentos, o meu coração parecia explodir de felicidade. Era como se o meu coração quisesse mostrar-me, que eu era livre de seguir o meu destino. Às portas de katmandu, tivemos de ir para dentro.

Havia postos militares a mandarem parar tudo e todos para ver se transportavam algo de ilegal, a instabilidade no país era bem conhecida de todos, com as televisões internacionais a mostrarem imagens de violência e desordem no país. Várias bombas tinham explodido no centro de katmandu, e fora das grandes cidades, lutas entre as forças governamentais e guerrilheiros era constante. Apesar de tudo isso, katmandu tinha um grande número de turistas para um país nessas condições, talvez porque a violência nunca tinha atingido turistas. Foi com alguma surpresa que descobri que Nepal, apesar de ser economicamente mais fraco do que a Índia, tinha um ar muito mais ocidental. As pessoas nas ruas, em especial os jovens, tinham roupas de estilo europeu. Havia lojas por toda a parte, bares e restaurantes, muitos com música ao vivo.

Fiquei alojado num pequeno quarto, o qual dividi com o rapaz que vinha no tejadilho da camioneta comigo. Ficava no centro da cidade e cada um pagou 2\$ por noite. Apesar do seu lado moderno, não havia dúvida acerca do grandioso passado deste país, para o mostrar bastava ir a temple square, onde edifícios com mais de mil anos de idade se erguiam para orgulho do seu povo. Ainda nós europeus vivíamos em cavernas já muitos países asiáticos erguiam cidades e impérios.

Desde Varanassi que tinha ouvido alguns viajantes falarem em fazer um trekking nos Himalaias, alguns tinham passado meses e mesmo anos a

planearem essa aventura. Dessas conversas nasceu um sonho, agora o meu coração pedia que o realizasse. O problema era que eu nunca tinha feito um trekking, nem sabia o verdadeiro sentido da palavra para dizer a verdade. Além disso, não tinha roupa nem equipamento para subir montanhas. Mas eu tinha aprendido a ouvir a voz do meu coração e sem tentar não sabia se conseguia. Comecei por tratar dos papéis necessários, enquanto esperava tentei organizar-me o melhor que podia. Em primeiro lugar comprei uma mochila mais pequena, para levar só o que necessitava para a montanha. Era do tamanho duma mochila de levar para a escola, com péssimos acabamentos, era cor de laranja e preta e muito feia, mas foi a mais barata que consegui arranjar. Comprei também umas luvas, que por serem cor-de-rosa vivo estavam em promoção, e por fim um gorro e um mapa.

No dia seguinte parti, o autocarro estava cheio como de costume, mais uma vez fui para o tejadilho. A viagem foi longa com paragens consecutivas. Quanto mais o tempo passava pior eram as estradas, até essas se transformarem em lamaçais, onde os condutores lutavam para não ficar atolados. A uma certa altura vimos uma outra camioneta que viajava à nossa frente, havia tanta gente dentro e sobre ela que não havia maneira de subir a montanha que se deparava à sua frente. A estrada era demasiado pequena para que a camioneta onde eu viajava pudesse passar, depois de algum tempo de discussão os condutores concluíram que algumas pessoas da camioneta da frente tinham de passar para aquela em que eu viajava. Cerca de 20 pessoas passaram para o tejadilho fazendo da camioneta já cheia, super lotada. Depois de algumas tentativas falhadas lá seguimos a um passo vagaroso até Jiri.

Jiri era o ponto de partida para o trekking, a ideia era ir daqui até Everest base camp, seriam 25 dias nas montanhas se tudo corresse bem. Em Jiri conheci outras pessoas que iriam fazer o mesmo que eu, todas elas estavam muito impressionadas com a minha falta de preparação e nenhuma acreditava que pudesse fazer esse trekking, mas eu acreditava.

No outro dia saí mais cedo que todos os outros, tinha passado uma hora quando a alça da minha mochila se rompeu, duas horas depois encontrei a primeira vila, só para vir a saber que estava a andar no sentido errado. No entanto um dos locais ofereceu-se para arranjar a alça da mochila.

6. Continuação da viagem no Nepal e regresso à Índia

Assim que me indicaram o caminho que tinha de seguir, pus-me logo a andar o mais depressa que pude. Já tinha um atraso de 3 horas e ainda nem estava no caminho certo. Contudo, a beleza que me rodeava, fez com que esquecesse as dores que sentia no corpo.

Nas primeiras horas, caminhei ao longo de um rio de águas cristalinas que descia do topo das montanhas, onde a neve estava sempre presente.

Abria o seu caminho, através das montanhas e vales. Por vezes em forma de pequenos riachos, outras vezes em cascatas ou em águas turbulentas. Por vezes calmo, trazendo a frescura das suas águas a boca dos homens e mulheres daquela terra.

Depois de passar uma das muitas pontes suspensas que normalmente marcavam o início ou o final de uma aldeia conheci outros três viajantes, um inglês e dois suecos. As últimas 3 horas foram feitas na sua companhia. Eles acharam bastante estranho eu andar de calças de ganga, estranharam ainda mais, quando lhes disse que esse era o meu primeiro trekking. Que toda a roupa que tinha, estava dentro do pequeno saco que tinha às costas. Na verdade metade das roupas estavam de fora, porque não tinha espaço dentro da mochila.

Nessa noite dormimos numa pequena casa de madeira, sem janelas. Os donos da casa eram nepaleses. Serviam comida e alugavam quartos. Essa era a segunda fonte de sustento da família, a primeira, aquela que realmente trazia o sustento à família, era o trabalho de carregadores. Um trabalho duro e cansativo, que consistia em trazer pesadas cargas, algumas até 80 Kg.

Chegada a noite, o meu corpo reclamava das dores e a minha cabeça zumbia de dor. Um dos meus novos companheiros, entrou no quarto, perguntando se estava bem. Com um olhar dorido respondi que sim. Ele tentou animar-me, dizendo que depois de comer uma sopa de cebola, iria sentir-me como novo. No outro dia como que por magia, sentia-me como novo. Acordei cedo e cheio de energia, ao contrário dos meus companheiros. Comi uma sopa de cebola - que foi o meu pequeno almoço desde esse dia - e ouvi as notícias através da boca do homem da casa.

- Houve um ataque dos Maois à polícia, foi ontem à noite. Morreram 13 polícias.
- Disse com um ar assustado.- Em que zona foi o ataque?
- Numa aldeia próxima, chamada Sete.
- Acha que há perigo para nós?
- Não..., penso que não. Eles normalmente deixam os turistas em paz.

Partimos juntos, eu e os meus novos companheiros. Todos nós tínhamos receio de encontrar os Maois. Lá por eles normalmente não fazerem nada aos turistas, isso não significava que não pudesse acontecer. Viajando em conjunto dava-nos uma sensação de protecção.

Depois de 4 horas de caminhada, já quase não nos lembrávamos da ameaça dos Maois.

-Talvez, eles se tenham entranhado na selva, para fugir às represálias do exercito - Disse um dos Suecos.

- Se eles aparecerem, eu vou dizer que sou Sueco. - Disse o inglês.

Era compreensível o seu medo, já que, Inglaterra apoiava o governo nepalês. Portanto também eles eram inimigos. Talvez se os Maois descobrissem a sua nacionalidade o quisessem raptar ou pior.

Quando chegámos ao primeiro grande pico - 3,530 m - pelo menos assim o era para mim, já que nunca tinha estado a semelhante altura, apressei o passo. Para ser o primeiro a chegar ao topo. Olhos no chão, mãos nos joelhos, para ajudar as pernas a moverem-se.

Caminhava o mais depressa que podia. Lançei um último olhar para ver a

que distância estava do topo. Foi aí que as minhas pernas se estagnaram, à visão de um homem, com uma metralhadora ao peito. O seu olhar, parecia parado no ar, vendo-nos subir. Dei uma olhadela sobre o ombro, para ver onde estavam os outros. Nenhum deles se tinha apercebido do homem no topo da montanha e continuavam a caminhar de cabeça baixa. Olhei para o homem uma vez mais, medindo a distância, entre mim e ele. Pensei, não valia a pena fugir, afinal de contas, se ele nos quisesse matar, poderia fazê-lo sem problemas. A sua posição elevada e a pouca distancia entre nós, fazia com que fossemos alvos fáceis. Com um respiro profundo, continuei a caminhar em direcção a ele.

-Namaste - Disse pondo as mãos junto ao peito e baixando a cabeça.

- Namaste - respondeu ele com um sorriso.

Olhei para o lado oposto, da montanha que tinha subido e vi o resto dos guerrilheiros. Eram certa de 50 quase todos sentados, esperando, pensei eu pelos outros que ainda subiam. Voltei a olhar para trás, os meus companheiros já se tinham apercebido que algo estava mal. Como se lendo os seus pensamentos, disse:

- Venham, não vale a pena fugir.

Vendo o ar aterrado do inglês, caminhei ao seu encontro.

Sussurrando-lhe ao ouvido.

- As balas correm mais que nós, tem calma, tudo vai correr bem.

Sentámo-nos no topo da montanha, a meu pedido. Não queria dar a entender que tínhamos algo a esconder. O grupo guerrilheiro, era composto por homens, mulheres e crianças. Nenhum deles tinha uma farda completa e alguns nem sequer calçado. As armas eram um uma mistura, algumas bastante novas, outras, porém, pareciam tiradas dum museu. Passados alguns minutos, um dos elementos mais novos, apontou uma bazuca na nossa direcção. Um género de brincadeira, pensei, mas achei por bem pedir aos outros para começarmos a descer, sem nunca dizer o que tinha visto. Não valia a pena, acrescentar mais stress, àquele em que já estávamos. Na descida vimos todos os soldados que ainda subiam. Cumprimentávam-nos dizendo, - namaste- que significa olá ou como estão. A meio da descida, um membro parou o inglês e perguntou-lhe:

- Posso fazer-te uma pergunta?

O inglês entrou em pânico, as palavras não lhe saíram. Como um redemoinho, lançou-se a correr pela montanha abaixo, passando por muitos outros soldados, que o poderiam ter parado a qualquer momento.

Eu e os Suecos ficamos ali de boca aberta, com um sorriso de parvos sem saber bem o que fazer. O elemento dirigiu-se a mim e perguntou uma vez mais.

- Posso fazer-te uma pergunta?

- Sim,.....

Respondi um pouco hesitante.

- Podes dar-me a tua maquina fotografica?

Quando alguém tem uma arma à cintura e te faz tal pergunta, a resposta não é fácil. Mas com uma resposta rápida e sincera disse:

- Não, preciso da máquina, para tirar fotografias ao teu país, que é tão bonito. O homem sorriu, como todos aqueles que estavam ao seu lado. Com este clima "relaxado" comecei novamente a descer.

Mais tarde, os outros dois Suecos, disseram que eu era doido, por ter-me negado a dar a câmara. Que eles poderiam fazer isso e aquilo.

Eu não entendia a sua preocupação. Se ele realmente quisesse a câmara, bastava apontar-me a arma e eu teria que lha dar.

Mas se ele ma pediu eu não ia dizer, toma lá.

Deixei os meus companheiros para trás, não que não gostasse da companhia, mas queria telefonar à minha namorada, no seu dia de anos.

O único sítio, onde me disseram que podia telefonar, era em Jubing.

Aparentemente havia alguém que tinha um telefone por satélite. O problema, é que teria de andar a distância de dois dias num só, assim parti sozinho. Corri o mais que pude, não parei para comer, só queria ouvir a sua voz. Todos os dias era com ela que eu acordava e todas

as noites era com ela que eu adormecia. Eu amava-a, amava-a mais que à minha própria vida, talvez, mais que ao meu próprio sonho. Era com a distância, que mais sentia a sua falta e todas as noites por ela chorava.

No final do dia, as minhas pernas tremiam, os meus olhos quase que não aguentavam as lágrimas. Tinha medo de não ter mais forças para andar e não poder ouvir a sua voz. A última grande subida deparava-se à minha frente, antes de chegar a Jubing. As minhas pernas pareciam negar-se a mover, só tinha vontade de sentar-me e chorar. Uma jovem rapariga, apareceu do nada e como que vendo a minha dor, fez-me um gesto para que eu a seguisse. Ela esperava por mim sempre que me sentava, por não poder mais. Em Jubing, levou-me pelo labirinto de pequenas ruas, até um local para dormir, o mesmo local onde poderia telefonar. Depois desapareceu, da mesma maneira que apareceu, como um anjo. Nunca lhe pude agradecer, nunca troquei uma única palavra com ela, mas desde esse dia ela vive dentro de mim.

O rapaz, que tomava conta do sítio onde dormi, fez um grande elogio, ao meu casaco e calças de ganga. Assim arranjei maneira de trocar com ele a minha roupa por uma mais adequada para o clima das montanhas. No outro dia parti com umas calças e casaco da North Face. Estava em Nache Bazar, uma vez mais dos Maois. Os confrontos tinham-se intensificado, muitos países aconselhavam aos seus cidadãos para deixarem o país. Em Nache Bazar, a partir das 17.30 h, ninguém podia andar nas ruas, ordem dos militares. Ouviam-se rajadas de metralhadora frequentemente ao longo das noites. Em Dole (4.360m), passei uma noite inteira acordado, devido aos confrontos, que pareciam estar a poucas dezenas de metros de onde estava.

Cheguei a Gokyo estoirado, apesar da caminhada ter durado apenas algumas horas. A altitude fazia com que me movesse devagar e com muita dificuldade. Uma dor de cabeça horrível parecia cegar-me e fez-me pensar em desistir. Gokyo (4900m), é um sitio magico, não é mais que um pequeno número de casas defronte a um lago azul, tão azul como o seu sobre ele. Montanhas pintadas a branco são o pano de fundo. Conheci 3 Australianos no mesmo dia que cheguei, estavam a alta altitude já à algum tempo e agora preparavam-se para subir uma montanha de 6.000m. Vendo o meu interesse perguntaram se eu gostaria de ir com eles. Eu só tinha estado a 4.900m algumas horas, sabia que deveria estar pelo menos 3 dias para me habituar ao ar fino e pobre em oxigénio. Sabia também que era uma oportunidade única, já que eu sozinho jamais me meteria nisso. No dia seguinte saí com eles, demorámos 3 horas para chegar à base da montanha. O Australiano mais experiente ia à frente, tentando encontrar o melhor caminho. A subida foi incrivelmente difícil, abria a boca para engolir ar, como um peixe fora de água. Os outros perguntavam constantemente se queria voltar para trás. Relembavam-me que deveria estar mais tempo a alta altitude para me habituar. Com um olhar de cansaço, entre respiros profundos, respondi: - Não....., eu, vou conseguir.

Depois de 4 horas tínhamos chegado ao topo, os meus olhos não aguentaram as lágrimas. Ali estava eu, no topo de uma montanha de 6.000m. De um lado podia ver 3 lagos gelados, do outro o Evereste, as montanhas mais altas do mundo, o Tibete. Quem diria, que o rapaz das calças de ganga e dos sapatos de 20 euros, estaria ali. Imaginei, o que os Suecos e o inglês pensariam de mim agora. Talvez não tivesse o equipamento, talvez não tivesse a experiência, mas tinha um sonho. E dele, tinha nascido a realidade da minha vida. Era por isso que chorava, porque estava a viver o sonho, que um dia tinha sonhado.

Parti em direcção a Evareste base camp. Escolhi o caminho que me parecia mais rápido, ainda que todos me dissessem que era o mais perigoso e difícil. Em apenas 10 horas, poderia chegar à base camp. Em vez de 3 dias, que demoraria se fosse pelo caminho mais longo. O caminho mais longo, era o mais utilizado, porque não tinha um grau de dificuldade tão grande. Aquele que eu tinha escolhido, era o menos

viajado, portanto, havia uma maior facilidade de me perder. Como também, uma maior dificuldade de ser ajudado. O caminho que escolhia, tinha várias etapas de dificuldade, primeiro tinha de passar um glaciar, depois tinha de andar cerca de 8 horas a uma altura de 5000m.

O gelo derretia por debaixo dos meus pés, não havia caminho certo por onde seguir. Escorregava, caía, voltava a pôr-me de pé, só para voltar a cair outra vez. Em algumas partes, seguia de gatas ou a rastejar, para evitar as quedas e para espalhar o peso do meu corpo, de modo a não cair na água gelada. Passado algumas horas lá tinha passado o glaciar. Havia um caminho para a direita, outro em frente. Escolhi aquele que me parecia melhor, o mais usado. Andei e andei, até o pôr do sol me lembrar, que uma noite ao relento, aquela altitude, poderia ser a última. Já quase ao anoitecer, vi uma pequena casa. Dois homens trabalhavam na construção de um muro de pedra. Duas mulheres, saíram de casa, com um ar espantado. Entendi, de imediato, que não estava no local certo. Abri o mapa sobre o muro de pedra, perguntando onde estava. Depois de um olhar atento, o homem mais velho, apontou para fora do mapa. Com a noite a bater à porta, não tive outra escolha, senão pedir para dormir ali essa noite. Depois de uma refeição de batatas, vegetais e arroz, comida entre risos e olhares tímidos fomos dormir. Deitei-me junto à parede, com o rapaz mais novo junto a mim. Logo a seguir estava o homem mais velho, com as duas mulheres no final. Um pequeno fogo, ardia a poucos metros de nós e o vento subia lá fora. Foi uma das noites mas mágicas e irreais da minha vida.

O tempo piorou, obrigando-me a mudar de rota. Perguntei ao homem mais velho, que caminho tomar, para ir até Nache Bazar. Por linguagem gestual, mostrou-me a direcção certa.

Depois de pagar, 3 vezes mais, do que me tinham pedido, parti. Todos os membros da família, estavam defronte da casa. As mulheres rezavam e os homens abanavam as mãos dizendo adeus. Enquanto caminhava, pensava naquela família, naquela noite. Nunca trocámos uma só palavra, na língua que o outro entendesse, contudo havia um entendimento perfeito de olhares, risos e gestos. No meio de todas as nossas diferenças, éramos iguais no destino final. Pensava na minha realidade, que era tão diferente da deles. Qual seria a sua visão do mundo? Quais seriam os seus sonhos? As suas preocupações? Porque viviam eles ali, no meio do nada?

O muro de pedra, dizia-me que estava perto de Nache Bazar. O nevoeiro era serrado, não me deixando ver, mais que um ou dois metros defronte a mim. Uma rajada de metralhadora, rompeu o silêncio como um trovão. Lançei-me ao chão, com as mãos sobre a cabeça, o som parecia vir de todo o lado mas de nenhum lado em concreto. Rastejei até ao muro de pedra, procurando abrigo. Fiquei ali alguns segundos, a tentar perceber o que se estava a passar, na indecisão do que fazer. Ao som de cada nova rajada, a minha cabeça, enterrava-se entre os meus ombros. A poucos metros de mim, vi outras 3 pessoas, também elas abaixadas atrás de um muro. Com toda aquela confusão e nevoeiro, tinha perdido a noção da direcção para onde ia. Então, comecei a seguir essas 3 pessoas, eles pareciam carregadores. Tinha a certeza, que eles sabiam para onde ir. Eles não pareciam guerrilheiros, já que não tinham armas, mas mesmo assim segui-os à distancia, não fossem os disparos para eles.

- Que fazias na rua?

Perguntou a dona da casa onde tinha entrado para dormir.

- Ninguém pode andar na rua depois das 5, podiam-te ter morto.

- Sim, eu sei.

Respondi, ainda abalado com o sucedido.

Em Nache Bazar, ouvi da boca de outros viajantes, a história dum rapaz que tinha enfrentado os Maois. Era uma história fantástica. Demorei algum tempo, a entender que a história era acerca de mim. Os Suecos e o inglês, tinham contado o nosso episódio com os Maois. A

história foi crescendo, à medida que foi contada de boca em boca. Agora sem saber porque, eu era um herói e o centro das atenções. Os combates estavam-se a intensificar e o mau tempo tinha vindo para ficar. Em Lukal, esperei por 3 dias, que um pequeno avião aterrasse, mas devido ao mau tempo ou aos combates só no quarto dia pude partir. Mesmo assim debaixo de fogo.

Parti para a Índia, passado alguns dias de ter voltado a Katmandu. Foram 22 horas de viagem, feitas num autocarro e dois jipes até chegar a Darjiling. Mais uma vez, a direcção escolhida tinha sido ao acaso. Olhei para o mapa e por alguma razão, que nem eu sei qual, tinha decidido ir até lá. Ao longo da viagem, conheci um rapaz nepalês, que vinha a Darjiling para comprar roupa, que mais tarde iria vender no Nepal. Ele tinha-me ajudado ao longo da viagem, a descobrir que jipes devia apanhar. Agora estávamos a dividir um quarto. Ele tinha muitos amigos em darjiling, que me receberam de braços abertos em sua casa.

A casa era muito pequena, com as paredes forradas com posters de actores e actrizes indianos. Há noite sentávamo-nos no chão e comíamos, a ouvir musica pop indiana. Um deles era professor de dança, dava aulas a crianças até aos 16 anos. Com orgulho, dizia:

- Somos uma das melhores escolas do norte de Índia. Dentro de uma semana, vamos ter um concurso, se quiseres podes ir connosco para ver.

- Sim, claro que sim, será um prazer.

Darjiling, fica no noroeste indiano, a fazer fronteira com o estado de Sikkim. A proximidade com o Tibete, Bhutan, Bangladesh e Nepal, faz com que seja um importante cruzamento de bens e pessoas. Isso nota-se na fisionomia das pessoas, costumes, roupa, comida e religião. Apesar da Índia ser oficialmente Hindu, as pessoas nesta área são predominantemente Budistas. Os templos nos topos das montanhas relembram-nos disso mesmo. Quando andei pelas ruas de Darjiling, com o meu amigo nepalês, tive uma grande surpresa. Ele enroscou o seu braço ao meu, com a maior das naturalidades. Eu via outros homens fazerem o mesmo, andando pelas ruas de mãos dadas, como se casais de namorados se tratassem. Mas isso não me deixava mais à vontade e era com dificuldade que andava nas ruas. Tentava usar o braço para tudo e mais alguma coisa. Mas no final, sempre acabava mãozinha com mãozinha, ou de braçinhos enroscados. No final, deixei de tentar fugir ao inevitável, apenas rezava que os meus amigos nunca viessem a saber disso.

O concurso de dança era realizado em Shiliguri, uma cidade a 80 Km de Darjiling. Não era no concurso em si, que eu estava interessado, mas essa era uma excelente oportunidade para conhecer este povo e os modos de vida. Aceitei a boleia, com muito agrado. De manhã cedo, estava no local marcado. As crianças estavam eufóricas quando viram o veículo que nos ia levar. Para meu espanto era um camião de areia, sorte que não tinha areia. Saltámos todos lá para cima e lá fomos entre canções e risos até shiliguri.

Depois de dois dias vendo crianças a dançar e vivendo como um verdadeiro Indiano, comecei a descer para sul. Em Bombaim desfrutei do melhor que as cidades têm para nos dar, cinemas e uma variedade de restaurantes que não encontramos nos sítios pequenos. Além disso, nas cidades podemos encontrar tudo o que queremos, com muito mais facilidade. Mas a verdade é que eu não gosto das cidades, em especial das grandes. Nelas encontramos as pessoas mais ricas do país, vemos carros do último modelo a desfilar pelas ruas, vemos bancos, escritórios, apartamentos. Mas é aqui também, que vemos o pior da sociedade e em especial em países como à Índia. A pobreza e a riqueza vivem de braços dados, os mais pobres apanham o lixo dos mais ricos, limpam os esgotos a céu aberto, sem que tenham nenhum tipo de equipamento. Recolhem o estrume de animais e mendigam pelas ruas. Apesar do sistema de castas estar oficialmente abolido na Índia, a realidade é muito diferente. A classe mais baixa, é chamada de

intocáveis, é assim chamada, porque as outras classes não lhes querem tocar. Desde o momento de nascimento, a sua vida é traçada. Os únicos trabalhos que podem fazer, são, a lavagem de roupa que contenha fezes ou sangue. No abate de animais e no trabalho da sua pele, ou a mendigar pelas ruas. Muitos são os pais, que cortam os membros dos filhos, para esses terem mais sucesso quando pedem nas ruas. Os intocáveis não podem beber água ou tomar banho, das mesmas fontes das outras castas. Não podem tocar ou ser tocados por nada ou ninguém. Nos primeiros dias que tinha chegado à Índia, não entendia porque as pessoas olhavam tanto para mim, achava estranho porque queriam tocar-me. Odiava aqueles seus olhares estagnados, que se mantinham sem não ter fim. Agora, envergonhava-me os meus pensamentos e sentimentos. Como podia eu julgar aquela gente, sem não saber da sua dor, sem nunca saber da verdade.

7. India e Sri Lanka

Fui descendo de comboio até ao estado de Orissa. Fiquei numa pequena vila junto à costa chamada Puri. Agora que descia em direcção ao sul, a temperatura aumentava. Os templos mudavam de arquitectura, havia palmeiras, pessoas a vender sumos naturais na rua, o clima era mais relaxado e a água do mar era quente e azul. Em Bhudaneshwar a cidade templo, que não ficava muito longe de Puri, vi maravilhosos templos do século XII. A sua grandiosidade deixava-me de boca aberta, enormes esculturas erguiam-se aos céus. Colunas gigantescas, com detalhadas gravuras, mostravam a vida de deuses e deusas. Esse templo era guardado e cuidado pela mesma família, durante esses doze séculos. Infelizmente, a parte mais importante do templo, estava fechada a não hindus. Mas em konarka, o templo do sol, pode desfrutar de toda a sua beleza.

Um dia, quando andava pela praia, um pescador veio ter ao meu encontro e perguntou - Gostas de peixe e marisco?

Os meus olhos arregalaram-se. Já há quase dois meses que andava a comer comida vegetariana. Só a ideia de peixe e marisco fazia com que caísse saliva do canto da minha boca. Havia restaurantes a vender peixe e marisco, mas com o pouco dinheiro que tinha, comia comida vegetariana a sonhar com o marisco. Depois de algum tempo discutindo os preços, acordámos que por 2 euros e meio, comeria uma pequena lagosta, dois peixes imperiais, 2 camarões tigre e seis sapateiras pequeninas mas gostosas. Tudo feito em sua casa e preparado pela sua mulher. Foram as melhores refeições da minha viagem. Apesar do mar quente, das praias de areia branca, da comida e do ambiente ser muito mais descontraído, o meu coração afundava-se em tristeza. Tudo aquilo parecia não ter sabor, por não ter a mulher que amava ao meu lado. Sempre que telefonava, o tempo era escasso, para dizer tudo o que vivia dentro de mim. Havia tanta coisa por dizer que no final acabava por não dizer nada. Em cada telefonema, sentia que estávamos mais longe um do outro, mais que a distância em quilómetros. Toda a minha vida tinha pedido a cada estrela cadente para ser feliz. Apenas e só, ser feliz. Agora o destino tinha-me dado dois caminhos e eu só podia escolher um. Eu sempre tinha escolhido a via do coração, qualquer que fosse a sua vontade, eu seguia-o. No entanto o meu coração estava dividido. Essa dor no estômago, essa bola na garganta, esse olhar gelado num horizonte vago, dizia-me isso mesmo. Era no decorrer das viagens de comboio ou de camioneta que me sentia mais em paz. Olhando pela janela, via o mundo passar, a minha mente entretinha-se com o que via, deixando o meu coração descansar. Mais que nunca andava à deriva, olhava para o mapa, sentia vontade de ir a algum sítio e partia. Assim cheguei a Chennai, onde passei o natal. Onde mais uma vez admirei os templos de Mahamapuram e Kachipuram esses do século III. Continuando a seguir o coração decidi ir até um pequeno ponto no mapa, chamado Pichavaram. Ficava no meio da selva, por algum motivo que eu desconhecia, queria ir até lá. Apanhei cinco camionetas, compartilhei comida com um senhor idoso, falei com estudantes, ajudei velhinhas a subir e descer da camioneta, outras ainda a pôr as malas. Com uma enorme alegria, via o mundo a passar por detrás de uma janela, sem saber qual seria o meu destino.

- Última paragem, disse o motorista olhando para trás, para o seu único passageiro.

- Aqui? – Perguntei com cara de parvo.

Além de uma construção de cimento, que era a paragem, não havia mais nada. Nada, sem ser selva, chovia torrencialmente e era quase noite. Antes que o autocarro que me trouxera partisse, perguntei ao motorista.

- Há aqui algum sítio para dormir ou comer? Algum outro autocarro, para qualquer outro destino?

O homem encolheu os ombros, abanou a cabeça e partiu. Depois de uma hora, lá ao fundo, por entre as árvores vi umas luzes. Para ser mais exacto uma. Era o autocarro mais velho, sujo e destruído que tinha visto até aquele dia. Não havia uma só pessoa lá dentro há excepção do motorista. Rachados, mas no local, estavam os vidros da frente, todos os outros ou estavam partidos ou simplesmente não estavam lá. O pára-brisas não existia. Os bancos, há excepção de 5, estavam partidos ou não estavam. Os que estavam lá, estavam cobertos de lama, como de resto, todo o autocarro. No tecto havia aranhas, que certamente, a National Geographic mostraria nos seus documentários. Sentei-me sem sequer perguntar para onde ia, tudo seria melhor que passar a noite numa paragem, que parecia chover mais lá dentro, que fora.

Madurai, um dos poucos sítios que tinha planeado conhecer na Índia. Tinha visto muitos documentários e lido muito, acerca desse local. Fascinava-me os seus templos, os pormenores das esculturas e a sua história.

Os templos de Meenakshi Amman com os seus trinta e cinco milhões de divindades são sem dúvida um mundo aparte. A cidade foi criada à 2.500 anos, mas foram entre os séculos XV e XVI, que o santuário se tornaria num extraordinário complexo de templos. Quem vem aqui, não procura um sítio calmo, já que cerca de 100.000 pessoas passam por aqui todos os dias. Os altifalantes difundem cântigos num volume quase ensurdecedor, como é comum na Índia. Nos corredores, além dos vendedores, vêem-se elefantes a abençoar as pessoas, pessoas a dar oferendas aos deuses como se um enorme formigueiro de gentes se tratasse. A torre mais alta tem 49 metros de altura e a extensão do complexo é de 65 000 metros quadrados. No centro, há um lago artificial, onde os crentes lavam os pés e lançam algumas gotas de água sobre a cabeça. Foi nesse mesmo lago, que passei mais tempo. Foi aí talvez, que compreendi a Índia. Havia de olhá-la em si mesmo, na sua diversidade, nos seus contrastes, nos seus extremos, fora do parâmetro da nossa própria cultura. Aprender, o profundo significado, encerrado nos pequenos gestos do seu povo.

Por essa altura já **mestrava** a arte de viajar na Índia. Não interessava quantas vezes eu dizia que não queria ver nenhuma loja ou que não queria comprar nada. Havia sempre algum condutor de uma truk truk que me queria levar as compras. Então em vez de discutir ou ficar chateado passei a usar isso em meu favor. Primeiro, fazia um trato com o motorista, eu ia sem pagar para onde eu quisesse. Em troca, ele levava-me a uma loja, onde ganhava a sua comissão. Dependendo da distância que queria ir, mais era o número de lojas que teria de visitar. Nas lojas via tudo o que me queriam mostrar, bebia o que me ofereciam e depois saía dizendo que voltava mais tarde.

Queria ir até ao Sri Lanka, as passagens custavam cerca de 150\$, mas como sempre, o dinheiro era escasso. Tentei ir de barco, mas ninguém me queria levar, devido há instabilidade que se vivia no país. Os Tamil Tigre controlavam o norte do país, basicamente o país estava dividido em dois. O único pescador que se ofereceu para me levar também disse que:

- Deixo-te a dois quilómetros da costa, vais ter que nadar com a mochila até terra. Depois, só tens de arranjar maneira de ir até ao sul.

- Mas,..... Ah,.... Não acha que vai ser difícil nadar com a mochila, num sítio com tantas correntes? Para não falar dos tubarões, que por aqui há muitos?

O pescador fez um olhar, como que, ainda não tinha pensado nisso. Eu disse que ia pensar e depois dizia qualquer coisa. Fui directamente à agência de viagens. Para viver o sonho há que estar vivo.

Sri Lanka- Aeroporto de Colombo.

Meti o cartão na caixa Multibanco, recusado, tentei o outro, o mesmo. Fui tentar trocar as rupias, que tinha trazido da Índia, não trocavam rupias. Bonito. A cidade de Colombo estava a 30 quilómetros, onde esperava eu, poder levantar dinheiro. Lá organizei uma “boleia” para me levar. Já com dinheiro no bolso, apanhei uma camioneta para sul, ao longo da costa. Parei num sítio, que viria a saber mais tarde, chamado Hikkaduwa. Um rapaz novo, tinha-me dito na camioneta, que era um bom sitio. Não me tinha enganado, era um sítio excelente. Fiquei numa casa duns locais, que alugavam quartos por 1 euro e meio por noite. Por mais um euro, comia todas as noites o jantar com o resto da família. Os quartos eram grandes, com a casa de banho dentro. A casa ficava junto a um pequeno rio, pelas manhãs enquanto comia, os esquilos desciam das árvores e haviam sempre pássaros ao redor. Sentia-me como um rei, já há muito que não tinha tantas mordomias.

A praia ficava a um minuto de distância, com água quente e o mar azul-turquesa. As palmeiras, pareciam beijar a areia branca que não tinha fim. O Sri Lanka estava a ser uma agradável surpresa, as pessoas eram muito simpáticas, mais calmas e menos barulhentas que na Índia. Apesar de ser um país pequeno, tem tudo, desde selva, animais exóticos cascatas, praias deslumbrantes e uma história sensacional. Fui descendo devagar, pela costa oeste, Unawatuna, Hikkaduwa, Merissa até Galle. Quando me cansava dum sítio partia para outro, sempre desfrutando de toda aquela beleza, que para mim era a maior de todas as riquezas. Debaixo das palmeiras via como o mar era azul, no paraíso em que me encontrava. Mas era aquela, a quem amava, que os meus olhos vasculhavam as praias em busca de a encontrar. Era sempre nela, que os pensamentos começavam e terminavam. Chegava a odiar-me a mim mesmo, por não conseguir pensar noutra coisa. Era nesses momentos, quando estava longe dela, que sabia que ela era o que eu queria, mais que tudo. Mas quando estava em Portugal, essa mesma dor enchia-me o coração. Por não poder ser livre de seguir os meus sonhos. O meu coração parecia trair-me, dando-me a felicidade de duas maneiras e eu só podia escolher uma. Mas não entendia como podia ser feliz, uma sem a outra. Alguém me falou dum mosteiro, nas montanhas junto a Kandy, a segunda maior cidade do Sri Lanka. Davam lições de yoga e meditação. Eu nunca tinha pensado em fazer nenhuma

dessas coisas. Sempre tinha feito desporto, mas na verdade, nem considerava yoga como um desporto. Meditação era algo que sabia muito pouco ou mesmo nada. Vou tentar, disse a mim mesmo, se não gostar sempre posso voltar para as praias. O autocarro parou no meio da estrada, o motorista apontou para o cimo da montanha. Com a mochila às costas, comecei a subir por dentro dos campos de chá. Um pouco antes de chegar ao topo, vi um aglomerado de edifícios de pequenas dimensões. Uma mulher, que estava na porta de um deles, fez um gesto com o braço, para que fosse ao seu encontro.

É para ficar?

-Ah... Sim. Mas não sei por quanto tempo.

-São 3\$, pela comida, lições e dormida. Quando o momento certo chegar e quiseres partir, vem cá pagar por favor. A próxima sessão de meditação vai começar agora, queres vir?

Cerca de 50 pessoas estavam sentadas, numa sala rectangular. Pernas cruzadas, mãos sobre os joelhos. Uma pequena imagem de Buda estava no final dum dos cantos da sala. Sentei-me e pus-me na mesma posição que todos os outros. Passados 30 segundos abri um olho, para ver se tudo estava na mesma, tudo igual, sem novidades. Mais um minuto passou e eu mais uma vez abri os olhos, inclinei-me para a frente para poder ver os outros. Parecia que toda a gente sabia o que fazia, sem ser eu, claro. Depois de uma longa e tortuosa hora e meia, ouvi um barulho dum pequeno sino. Como que saindo de um coma, as pessoas à volta da sala, começaram-se a mexer muito devagar. Com um sorriso subtil, deixaram a sala, sempre em silêncio. Eu nesse momento disse que aquilo não era para mim. As sessões de yoga eram mais o meu estilo, a princípio pensei que aquilo seria fácil. Até era, a comparar com os outros, mas quanto mais fazia mais entendia a sua complexidade. Dum exercício básico podia exercitar músculos que nem sequer sabia que tinha. Descobri que a yoga, não é um desporto como os outros, é um estilo de vida. Um aperfeiçoamento do nosso corpo e alma, que também a fazer yoga podia meditar. A meditação continuava a ser difícil, não sabia em que tinha de pensar. Pedi para falar com alguém, que me pudesse explicar. Talvez assim pudesse ter aquele sorriso que transmitia calma no final de cada sessão. O fundador daquele local, um dia chamou-me e disse para que o seguisse. Caminhámos por um jardim até chegar a um círculo, onde estavam a fazer de assentos umas grandes pedras. Trepadeiras caíam até ao nível da nossa face, onde pequenas folhas brancas floriam. Tão brancas, como as

roupas daquele homem, de barba negra. Com uma voz doce e meiga, explicou-me que meditação era o não pensar. Era deixar a nossa mente descansar, voltar a casa.

- Quando fechamos os olhos, e estamos na posição de lótus, em silêncio, muitos são os pensamentos que vêm há nossa mente. Muitos desses pensamentos são dolorosos, não são? Por isso tentas evitá-los, fechar-lhes a porta, não é?

-Sim, é verdade.

-Eles não se vão embora, irão voltar cada vez maiores mais assustadores, como fantasmas. Tens de lhes abrir a porta, deixar que entrem. Entende esses fantasmas, deixa que sejam teus amigos. Não tens de fugir, tens de entender.

Os dias foram passando, a cada dia que passava mais gostava daquele local. Os horários eram: 4 h 45 às 6 h 00 meditação, chá das 6 h às 6 h 30, das 6 h 30 às 7 h 30 yoga, das 7 h 30 às 8 h 30 pequeno almoço, das 8 h 30 às 9 h 30 meditação livre, das 9 h 30 às 11 h meditação, das 11 h às 12 h livre, às 12 h almoço, seguindo-se um período livre até às 14 h 30. Das 14 h 30 às 16 h meditação, das 16 h às 16 h 30 chá, das 16 h 30 às 17 h 30 yoga, das 17 h 30 às 18 h 30 livre, das 18 h 30 às 19 h 30 cântigo de mantras, 20 h snack, 21 h conversa livre com um dos monges. O único tempo do dia que se podia falar era das 16 h às 16 h 30, o resto do dia era passado em silêncio. Nos primeiros dias, usava aquela hora a todo gás mas conforme as semanas foram passando, a vontade de falar desapareceu. Não havia necessidade de palavras, no silêncio encontrava as respostas às minhas perguntas. As horas de meditação já não eram longas e tortuosas, eram um constante estado. Como se fora uma criança descobria o mundo há minha volta, dava comigo a olhar para as formigas, para as pedras, para as flores. Tudo tinha ganho uma enorme importância. Escrevi no meu diário, que era para mim, um companheiro, confidente e a representação da mulher que amava. Tudo ganhou uma enorme importância de um dia para o outro. Os meus olhos vêm agora, o que antes passava despercebido. O coração bate devagar, para saborear todos os pequenos sentimentos e a minha alma quer abraçar o mundo. Os olhos não suportam o peso das lágrimas, cada vez que tu apareces nos meus pensamentos. Tenho medo, medo de ver mais do que quero, de amar mais que o meu coração possa suportar. Queria num só abraço entranhar-me no teu corpo e num só respiro, beijar a tua alma. Não havia electricidade, não havia água quente, o quarto era um cubículo de 2m por um, a cama um estrado de madeira. A comida era pouca e não se podia falar. Que razão tinha eu para estar ali? Porque, que outros estavam ali há 10 anos? Será que era aquela paz?

Depois de quatro semanas, tive de partir de volta à Índia. Foi difícil descer aquela montanha, ainda mais difícil foi ouvir barulho. Falar parecia uma perda de tempo.

De volta à Índia.

Fui subindo em direcção ao norte, em Kochim, vi as redes de pesca quadradas, que os portugueses trouxeram da china. E a famosa igreja que, Vasco da Gama ao princípio estava enterrado. Em Goa banhei-me nas suas águas quentes e caminhei pelas suas praias de areias brancas. Em Bombaim, saí do comboio e sentei-me na estação. Centenas de mendigos buscavam a vida no lixo. Crianças sem braços ou sem pernas mendigavam. Fiquei sentado 7 horas naquele banco, depois parti. Foi em Pushkar, uma pequena vila no deserto do Rajastha, que as minhas forças se esgotaram. Estava a 10 horas de Nova Deli, faltavam 7 dias para ter que voltar a Portugal. Já não queria ver mais nada, passava os dias a pensar no regresso, se havia algo para onde regressar. Sabia que a minha relação estava acabada. Sabia, devido ao tom da sua voz ao telefone, aos escassos e vagos e-mails sem emoção. Andava nas ruas de Pushkar, como um morto vivo. Andava descalço como um mendigo, já que me sentia como um. Não me barbeava e já nem forças para tomar banho tinha. Um homem de uma loja, chamou-me e disse, - Tens de tomar banho, ergue-te. Os teus olhos não têm brilho parece que estão sem vida. Sabia que tinha razão, tinha de tomar banho, mas na verdade eu já não queria saber.

(Deixa os fantasmas entrarem, deixa que sejam teus amigos, não tens de fugir, tens de entendê-los.) Eu tinha deixado os meus fantasmas entrarem, tinha entendido a sua, que era a minha dor. Tinha entendido que tinha sido eu a escolher o meu próprio caminho. Que no momento que tinha partido, para viajar, que a minha relação iria acabar. Que no fundo do meu coração, era esse o meu desejo. Mas se assim era, porque sofria eu daquela maneira. No último dia de viagem, dentro do avião, escrevi a última página do meu diário.

O derradeiro e último dia chegou, haviam muitos sonhos ao princípio da viagem. O final não significa que não hajam sonhos, apenas que eles se modificaram. Aprendi muito, não me arrependo de nada do que fiz. A mais importante lição que tirei de tudo isso, é que realmente te amo. Não tenho vergonha de o dizer, no entanto isso não chega para sermos felizes. Se a tua resposta for que já não me amas. Então, terei de partir e

mais uma vez começar de novo. Hoje já saberei o que fazer com a minha vida. Poderia escrever que já não te amo, que não sinto nada por ti, dizer que sou forte e não preciso de mulheres para nada. Mas isso seria mentir a mim mesmo. Eu preciso do amor que tu me dás. Quem ler isso deve pensar que sou um merdas rebaixar-me dessa maneira. Talvez seja, mas é o que sinto e os meus sentimentos, não escondo a quem amo. Hoje saberei.

8. De Volta a Portugal

Dei-lhe os colares, os anéis, máscaras e braceletes que tinha comprado em cada país, para a sua coleção. Ela beija-me e parte. De um momento para o outro, ela deixou de ser minha e eu deixei de ser dela.

Pouco tempo depois o meu amigo Ricardo Cera, bate à porta. As suas primeiras palavras foram:

- Mano, tens de tomar banho.

Sorriso, sei que tenho. Em seguida abraçou-me com força. Um abraço forte que transmitia amor, que me enchia de alegria. Os meus amigos, sempre foram as fundações do meu ser. Eles sempre tiveram ao meu lado, em especial nas horas difíceis. Lembro-me de ter uma discussão com o meu pai, por ele dizer que eu dava demasiada importância aos amigos – Os amigos vão e vêm. Pensas que eles te dão a mesma importância que tu lhes dás? Ele tinha encontrado algo que eu tinha escrito, dizendo, que preferia comer uma sandes com os meus amigos, que um banquete com a minha família. Ele tinha ficado furioso. O que eu tinha escrito não era completamente verdade mas era o que eu sentia no momento em que o escrevi. Ele não entendia. Talvez porque eu nunca lhe tenha explicado. Não era que preferisse os meus amigos à minha família, os meus amigos eram parte da minha família. Com eles eu desabafava as minhas dores, os meus medos, era com eles que eu me sentia mais livre de ser eu mesmo.

Enquanto estava em Portugal, trabalhava nas exposições de antiguidades. Não era um trabalho fácil, mas era um trabalho ideal para poder viajar. Podia ganhar em pouco tempo dinheiro suficiente para partir para outra viagem. Normalmente o trabalho ia de 15 a 25 dias, dependendo da exposição. Tinha horário para entrar, mas nunca para sair. Um dia de trabalho podia ir de 12 até 18 ou 24 horas. A maior parte dos dias era a carregar placas, que pesavam 50 quilos. Comecei a ganhar 25 euros por dia, não interessava quantas horas. Como eu disse, não era um trabalho fácil.

Depois de chegar da Índia fiz uma dessas exposições. Queria partir para algum lado mas não sabia para onde. Sabia que podia sempre voltar a Tenerife mas não queria afastar-me muito do local onde a mulher que amava estava. Havia uma esperança, talvez eu mudasse, talvez ela mudasse. Não sei. Escolhi Marrocos, não estava longe, não precisava de viajar de avião, era um país barato para viajar e ainda podia voltar a tempo para fazer outra exposição.

Apanhei o comboio para o Algarve, pelo caminho conheci três raparigas e um rapaz, todos eles vindos da Grécia. Estavam a fazer um Inter-Rail. Eles também queriam ir até Marrocos mas tinham ouvido histórias assustadoras, daquele país por terras africanas. Perguntaram se não me importava que eles fossem viajar comigo. Na verdade eu queria estar só com os meus pensamentos. Por outro lado, pensei de todas aquelas pessoas que me tinham ajudado, ao longo das minhas viagens. Essas pessoas ensinaram-me, ouviram-me, compreenderam-me. Todas elas tinham-me mudado para melhor, tinham sido os meus professores, sábios e amigos. Agora eu sentia-me quase na obrigação de fazer o mesmo. Do Algarve até Sevilha. Outro comboio e estávamos em Algeciras. Apanhámos o barco, em 30 minutos estávamos em África mas ainda no território espanhol. Foi na fronteira que o mundo como eu o conhecia mudara. Havia pessoas em todo lado, tudo parecia desorganizado. Empurravam-se com as mãos erguidas defronte à cabine para tratar do visto. Nas colinas amareladas, do outro lado da fronteira, pessoas com roupas até aos pés desciam formando uma nuvem de pó. Assim que atravessámos a fronteira, um batalhão de táxis esperavam-nos. Todos eram velhos

Mercedes. Provavelmente não havia um com menos de 500.000 quilómetros. Depressa descobri que as regras de quantos ocupantes por veículo eram diferentes das da Europa mas as mesmas que na Índia. Tudo depende do tamanho dos ocupantes, no nosso carro estavam sete, quatro atrás, 3 à frente. O mínimo para um táxi Marroquino. Eu ia à frente com um outro homem que não era pequeno, tive de viajar até Tetouane que ficava a uns 50 quilómetros, com os braços e cabeça de fora. Não por opção, como devem imaginar mas se metesse todo o meu corpo dentro do carro, o motorista não era capaz de pôr as mudanças. Detalhes.

Tetouane, foi sem dúvida a introdução a Marrocos. Tinha tido enorme importância na rota das caravanas. Sendo considerada património da humanidade com os seus maravilhosos monumentos. Nos dias que correm é mais conhecida pelo tráfico de haxixe. As montanhas de Riff estão nas costas da cidade, delas vem grande parte do haxixe que chega à Europa.

Uma mistura do mediterrânico com mundo árabe e vivido na cidade. Pessoas sentam-se nos cafés com grandes esplanadas, bebendo pequenos copos de chá, cada um com umas dez colheres de açúcar. Homens no piso de baixo, mulheres no piso de cima. É verdade que Marrocos é um país de machos, um país liderado por homens, onde as mulheres pouco têm a dizer. Onde os homens dizem algumas frases grosseiras às mulheres. Mas em Portugal ou em qualquer outro país mediterrânico não era muito diferente há alguns anos atrás. Lembro-me perfeitamente de ouvir nas ruas, em especial perto das obras, homens a gritarem obscenidades às raparigas e mulheres que passavam nas ruas. No entanto não passava disso. O mesmo se passa em Marrocos. Eles gritam, dizem aquilo ou aqueloutro, como (comia-te toda) ou (és boa como o milho) mesmo que não gostem de milho. Na verdade os seus sonhos molhados acabam na casa de banho, a contar azulejos. Se respeitarmos a cultura, religião e a forma de vestir, poucos problemas surgem pelo caminho. Podemos dizer que não gostamos, que está errado, que é uma estupidez. De qualquer maneira há que respeitar, senão não devemos visitar esses países.

Os meus companheiros queriam comprar haxixe. Eu arranjei alguém para vender, o que não foi difícil. O negócio foi feito, no terceiro piso duma velha pensão. Queríamos uma quantidade pequena. Os dois Marroquinos tinham uma pedra do tamanho do meu punho, pediam 25 euros. Eu ofereci 3 euros. Ai começou a confusão. Entre eles havia o bom e o mau, tipo nos filmes de polícias. O mau gritava, esmurrava a porta, ameaçava que me matava deixando o quarto. O bom, dizia que 25 euros era um bom preço, que esse preço era porque era para mim, que se fosse outra pessoa seria o dobro. Os gregos entretanto estavam sobre a cama, todos juntinhos. Com os joelhos contra o peito e as mãos há volta dos mesmos. Pareciam um grupo de reféns. Tenho a certeza que se houvesse uma janela naquele quarto, eles teriam saltado, mesmo estando no terceiro andar. Chamavam-me e diziam:

- Paga os 25 euros, esses gajos são perigosos. Mais tarde nas ruas, eles podem querer vingança.

- Não há problema, isto é só negócio, os marroquinos são conhecidos pela sua arte de negociar.

- Mas ele ameaçou matar-te.

- Ninguém vai matar ninguém por 25 euros.

Essa última parte não estava bem certo. Tudo o que sabia de Marrocos era o que tinha ouvido pela boca de outros. Ninguém me tinha dito, que era normal esmurrar, pontapear, gritar e ameaçar de morte enquanto se fazia negócio. Duas horas depois, tínhamos chegado a um acordo. Quatro euros por metade da pedra. Apertámos as mãos

e eles convidaram-me para beber um chá mais tarde. Eu recusei amigavelmente. Em caso de eles quererem mesmo vingança.

No outro dia apanhámos o autocarro para Fez. Fez, tem uma das mais antigas Medinas do mundo árabe. É considerada por muitos, a mais bonita de todas elas. Dentro das suas muralhas vivem 500 000 pessoas. Além da electricidade e dos turistas não há muito que tenha mudado desde os tempos medievais. Arranjámos um quarto no centro, da janela podemos ver a vida lá fora. Pequenas ruelas onde burros passam carregando enormes cargas, pequenas lojas vendendo de tudo. Homens a pintar os tecidos da mesma maneira que há 500 anos atrás, enquanto se ouve dos auto falantes das mesquitas as chamadas para as rezas. É fácil de imaginar que voltámos para trás no tempo. À noite a vida da Medina é mais extraordinária. Lâmpadas agarradas a fios eléctricos, caem dos tectos das pequenas lojas, iluminando o seu interior. Especiarias, tâmaras, carne, óleo, cachos, sabão, peixe, roupa e outro sem fim de produtos. Homens vendem espetadas com pão na rua. Os restaurantes vendem tejagine, omoletas, couscous e muitos, muitos chás. As cores, cheiros e barulhos transportam-nos para um mundo antigo. Não há dúvida, um sítio espantoso.

Um outro autocarro. Desta vez para as montanhas, o destino final era Midelt. Ao longo do caminho adormeci, acordei ao som do motor, que parecia explodir. Não podia crer no que os meus olhos viam. Quando deixei Fez, a cor predominante era o castanho, agora tudo era branco ao meu redor. Eu associava Marrocos, ao deserto, camelos, homens de turbantes, nómadas e temperaturas elevadas. Mas neve? Era como estar num sonho. Enquanto bebia chá, sentado no telhado do sítio onde ia dormir, via o Grande Atlas coberto de neve. Não era só o clima e a geografia que mudara, também as pessoas tinham mudado. Em Midelt, quase todos eram berberes, um povo muito diferente do marroquino. Eles eram homens livres, o seu país era o deserto. A sua língua, costumes e religião são diferentes. Foi no final do século dezanove, com a ocupação dos europeus, que o seu modo de vida teve de mudar, para grande parte deles. Muitos deles refugiaram-se nas montanhas e daí lutaram contra os seus inimigos. Outros para o deserto, de onde até hoje lutam pela independência.

Sempre que apanhávamos um autocarro, a história repetia-se. Com o condutor ou o ajudante a pedir mais dinheiro pelas mochilas. Eu tinha vindo da Índia, onde a arte de enganar é uma tradição, não ia deixar que ninguém me levasse a melhor. Como sabia que em cada autocarro havia que discutir, dizia aos gregos para irem para dentro arranjar lugar. Entretanto eu estava lá fora a gritar, abanando os braços dizendo que não iria pagar nada. Às vezes tinha de chamar a polícia. Tudo isso levava tempo mas eu recusava a ser enganado.

No final da viagem para Zagora, 5 ou 6 berberes vieram ao nosso encontro. Todos eles ofereciam sítios para ficar, o que nos interessava. Vendo que havia competência disse aos gregos para que ouvisse todas as propostas mas não aceitassem nenhuma até ver qual era a mais barata. No final, ficámos num sítio baratíssimo às portas do deserto, com uma família Berber. No momento que cheguei, disse que iria subir à duna mais alta que os meus olhos vissem e de lá iria contemplar o deserto. Parti no outro dia de manhã cedo. Os meus companheiros também quiseram vir, apesar do dono da casa advertir para os perigos do deserto. Duas das raparigas desistiram depois de uma hora. Eu e Kiriacos e a outra rapariga continuámos. Não parecia estar muito longe, mesmo assim demorámos penso que umas 4 horas a chegar ao topo. Do topo tínhamos uma visão de 360 graus, um mar de areia aos nossos pés. Tinha valido a pena. Mas havia que voltar, foi aí que descobri que eles tinham bebido toda a sua água. Apenas tínhamos o meu litro e meio, o sol estava quase a pique, sabia que iríamos ter problemas. A meio do caminho de volta as sandálias do Kiriacos partiram-se, a areia

fervia, fazendo enormes bolhas nos seus pés. Tirei a t-shirt e enrolei um dos seus pés com ela, ele fez o mesmo com a sua t-shirt no outro. A água já tinha acabado, agora o sol estava a pique, queimava, derretia. A rapariga deixa de conseguir andar. Tirei-lhe a t-shirt e pus-lhe à volta da cabeça, peguei nela ao colo e continuámos. Eu podia ver a casa, sabia que estávamos perto, sabia também que não podia desistir ou seria o final. Que estupidez. Havia água ali tão perto, há uma hora atrás estávamos a rir e a rebolar nas dunas.

- Estamos quase lá, estamos quase lá.

Dizia ao Kiriakos de 5 em 5 minutos. Quando chegámos tirámos as t-shirt dos pés do Kiriakos. Estavam em carne viva, no mesmo estado as suas costas. O deserto tinha-nos dado uma lição, uma grande lição, que eu jamais esquecerei.

Uma vez mais viajámos de táxi, uma vez mais eu tive de ir com metade do corpo de fora, desta vez até Marraquexe. Na grande praça, no centro da cidade homens de turbantes tocam flautas, com cobras a dançarem ao sabor da música. Era à noite que uma vez mais a cidade parecia despertar, com centenas de restaurantes e barracas a venderem comida. Eu estava a adorar Marrocos, estava tão perto da Europa mas tão longe. Eram 30 minutos de barco para passar para outro continente para que a nossa realidade como a conhecíamos se transformasse. O que outrora fora a nossa fantasia, o deserto, camelos, homens de turbantes e mercados fascinantes se tornaram na nossa realidade. É um país extraordinariamente lindo, desde praias, passando pelas montanhas até ao deserto.

Desde Marraquexe fomos para as praias de Essaoura, subindo lentamente pela costa até voltar à Europa. Apesar de todos os trabalhos, eu tinha gostado de viajar com os meus amigos. Eles tinham enchido o meu tempo e uma vez mais, tinham me ensinado. Dissemos adeus na paragem de autocarros de Algeciras. Abraçámo-nos profundamente e chorámos como se fôssemos amigos de sempre. E engraçado só tínhamos viajado por um mês mas estávamos tão ligados. Até hoje não os voltei a ver, mas continuo a comunicar com o Kiriakos regularmente.

Enquanto à mulher que amava, se já a tinha esquecido? Não, claro que não. Continuei a amá-la durante anos. Escrevi num dos muitos e-mails que enviei ao meu amigo Miguel - sabes porque choro de amor mas mesmo assim estou feliz? porque agora não tenho nada. Não tenho casa, não tenho dinheiro, não tenho país e não tenho quem me ame. Agora só livre, durmo na rua, como do lixo mas agora sou livre. Por não ter nada não posso perder nada, ninguém me pode tirar nada. Agora sou livre.